

Apoio



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria da Cultura

Realização



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria da Educação



Este livro integra a Coleção Juvenil MAIS PAIC MAIS LITERATURA, composta de crônicas, contos, novelas, romances, cordéis e poesias. Escrita e ilustrada por autores do Ceará, ela traz aventuras desafiadoras, existenciais, em cenários da cultura e da história local. Sua temática constitui estímulo a mais para se ler e dialogar nos Clubes de Leitura dos 6° e 7° anos das escolas públicas do Ceará.

Saiba mais: <http://www.paic.seduc.ce.gov.br>

ISBN 978-85-8171-223-9



9 788581 712239

VENDA PROIBIDA

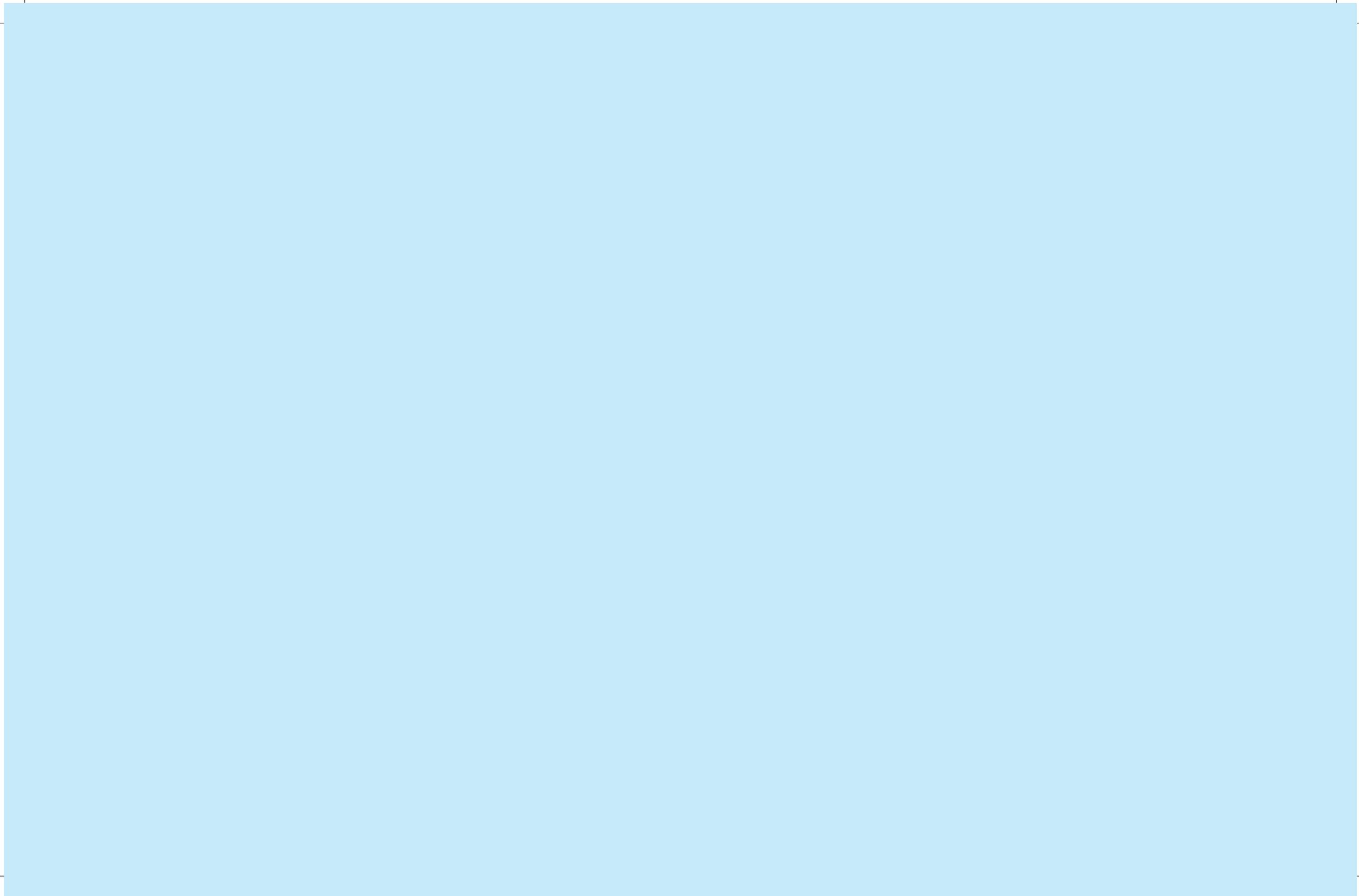
KRENAC - O ET, EM CONTATOS CULTURAIS EM FORTALEZA • COLEÇÃO MAIS PAIC MAIS LITERATURA

Célia Perdigão  
Ilustrações Beto Skeff

# KRENAC O ET,

EM CONTATOS CULTURAIS EM FORTALEZA







Célia Perdigão  
*Ilustrações Beto Skeff*

# KRENAC O ET,

EM CONTATOS CULTURAIS EM FORTALEZA



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
*Secretaria da Educação*

Fortaleza • Ceará



*Aos meus pais e irmãos, grandes referências de vida;  
Aos amigos e mentores profissionais, em especial Paulo  
Ormindó, Rosa e Simone, fontes de inspiração.  
A Giovanni e Mariana, pelo incentivo,  
ideias e intensa assessoria.*

# SUMÁRIO

<b>KRENAC ENCONTRA HEITOR E LARA .....</b>	<b>7</b>
<b>NA CASA DO VOVÔ OLAVO .....</b>	<b>23</b>
<b>LUGAR DO ENCONTRO E DA ALEGRIA.....</b>	<b>35</b>
<b>UM PROJETO ITALIANO PARA O CANTINHO DA SAÚDE.....</b>	<b>63</b>
<b>PERNOITE PARA DAMAS E CAVALHEIROS .....</b>	<b>81</b>

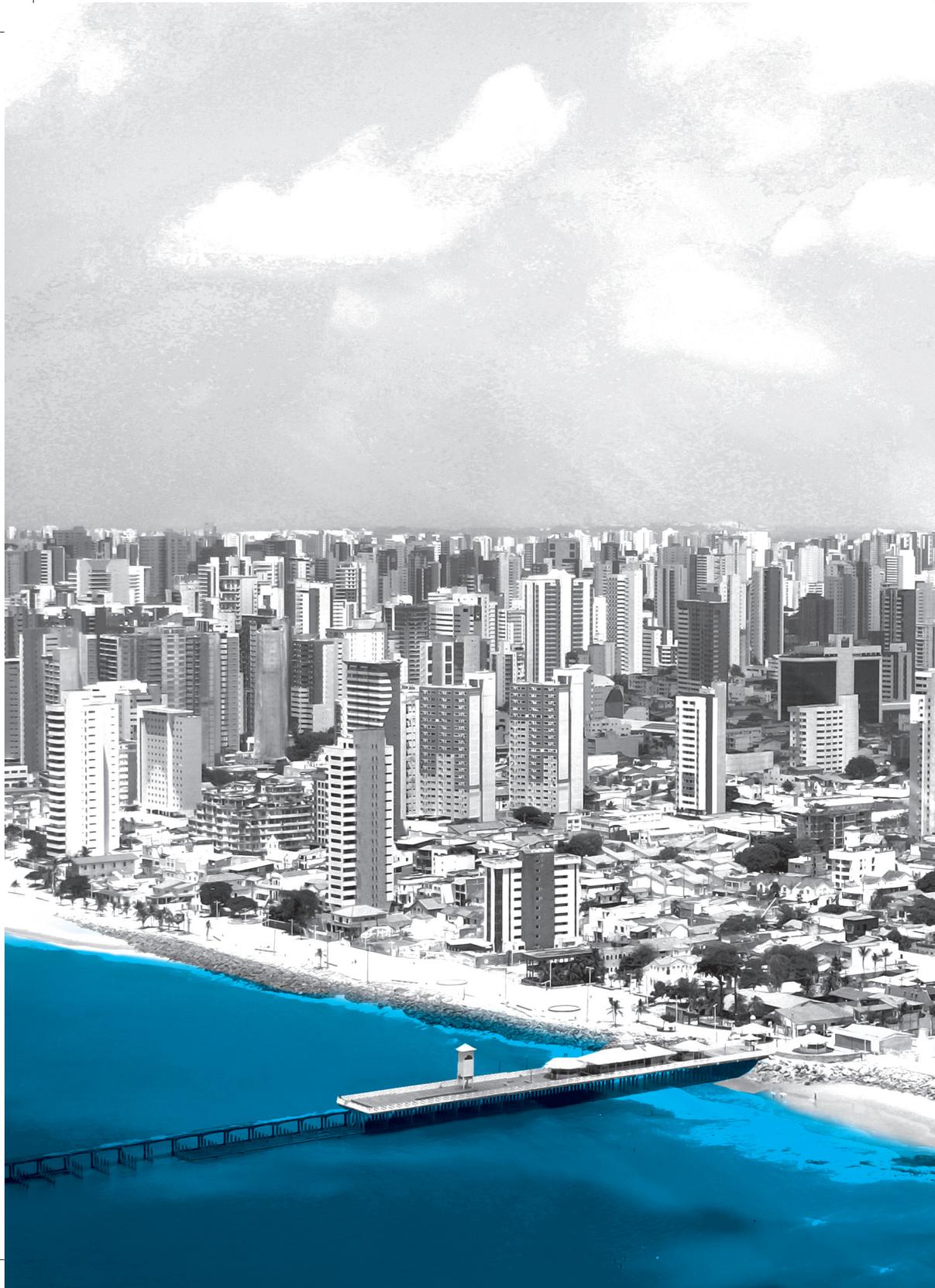
**UM DOCE PARA  
QUEM ADIVINHAR  
O QUE JÁ FUI ..... 103**

**FORTALEZA FORTE,  
DEFESA DA CIDADE..... 115**

**A MAIOR IGREJA  
DE TODAS..... 127**

**HISTÓRIAS QUE OS VITRAIS NÃO MOSTRAM 149**

**UM CHAMADO INESPERADO – DEU TILT  
NO PAINEL CENTRAL DE COMUNICAÇÕES  
TECNOLÓGICAS..... 183**



## CAPÍTULO 1

# **KRENAC ENCONTRA HEITOR E LARA**

Esta história começou no dia em que um ET chegou a Fortaleza, para executar uma missão secreta. Seu nome era Krenac, proveniente da constelação Cygnus, distante 1500 anos-luz da Terra. Ele procurava um local para receber uma estação de pouso e decolagem para naves espaciais extraterrestres.

Naquele momento, sua missão era escolher uma cidade de grande porte, no Brasil, na região nordeste, à beira-mar. Outro critério era que a cidade tivesse um centro histórico com praças e edificações antigas ainda recuperáveis. Sobre o povo, procurava um lugar com pessoas receptivas e que se destacassem pela criatividade, sabedoria ou singularidade.

Heitor e Lara, de treze e quinze anos, observados e escolhidos ainda em Cygnus, foram localizados para essa experiência. Krenac moveu-se ao encontro deles, no quintal do sítio de tia Laura, em Maranguape.

Distraído, olhando sua pipa vermelha e azul a voar, Heitor assustou-se quando viu aquela criatura flutuando em sua direção. Por um instante, pensou que estaria alucinando, talvez desidratado pelo calor, talvez por ter bebido pouca água... Afinal, ninguém espera topar com um ET no quintal da casa da tia. Nada poderia ter preparado Heitor para o encontro com aquela figura. Sua descrição por si só era um desafio para a imaginação, a começar pela cabeça, repleta de fios grossos e luminosos apontados para cima, como aqueles penteados da moda em que a pessoa usa muito gel. No caso em questão, teria que ser um produto muito especial, pois parecia gel de luz pelo brilho que emanava.

A cabeça grande, em forma de losango, tinha a maior diagonal na direção vertical que já vira. Olhos enormes, verticalizados e embora parcialmente cobertos por pálpebras em cima e embaixo, bastante expressivos, com íris amarelas como as dos felinos. A pupila também vertical. As orelhas eram dois arcos posicionados perto dos lados superiores do losango. O nariz fininho, proporcional ao rosto. A boca apresentava lábios delicados e muito rosados, destacando-se na cor da pele.

A altura, em torno de um metro e trinta centímetros, não causaria estranheza se não fosse a pele lilás. O corpo tinha forma de triângulo com base para cima, ligado à cabeça, de forma semelhante à nossa, por um pescoço. Na cintura, nos ombros e nas laterais da cabeça, pequenas antenas que vibravam como se captassem algo no ar. Energia, talvez. As pernas eram curtas e os pés mostravam três dedos

para frente e um para trás. As mãos com quatro dedos e pontas luminosas quando tocavam qualquer objeto. Apesar da peculiar aparência, algo no sorriso cativante do extraterrestre impediu que o menino saísse correndo.

Numa chegada de piloto experiente, Krenac aterrissou perto do garoto e cumprimentou-o com ar simpático.

— Meu caro, bom dia! Não se espante, permita que eu me apresente. Sou Krenac, da constelação Cygnus e estou em missão exploratória, porém de paz. Não tenha medo. Depois de uma longa e criteriosa pesquisa, selecionei dois guias inteligentes para conhecer alguns lugares em Fortaleza. Sei que você e sua irmã Lara, apesar da pouca idade biológica terrestre, têm conhecimentos acima da média. Minhas pesquisas revelaram também que vocês se interessam pela cidade

de modo geral e, em especial, por sua história, seu centro antigo com edificações históricas, teatros e igrejas.

Sem saber exatamente o que dizer ao ET, mas ao mesmo tempo curioso pela aparição, Heitor, teceu algumas ponderações, com um tom respeitoso e intrigado:

— Bom dia, senhor. Se já sabe quem sou, não preciso dizer meu nome, não é? Apesar de agradecido pelos elogios, imagino que tenha se enganado. Há muitas pessoas adultas que podem ajudá-lo em suas pesquisas, bem melhor que eu. De todo modo, como você sabe tantas informações sobre mim?

— Não há equívocos. Optamos por jovens, propositadamente, pela maior abertura na comunicação. É mais seguro para nós, também, pelas experiências anteriores que tivemos. Mas sim, respondendo a sua indagação, estamos há

um ano procurando um lugar ideal para nossa estação intergaláctica, ampliando a rede de conexão espacial. Se Fortaleza atender aos requisitos que estabelecemos e for uma cidade bem cuidada, poderá ser a escolhida.



— Mas é tipo um aeroporto de nave espacial? – perguntou Heitor.

— Isso mesmo.

— Então vamos receber muitos ET's iguais a você?

— De todos os tipos e formatos!

— A gente vai poder viajar para outros planetas? Vamos poder usar sua estação?

— Claro! O intuito é facilitar trocas positivas e benéficas ao crescimento de todos os seres da galáxia. Assim ajudamos as pessoas que aqui residem a se tornarem melhores entre si, mais conscientes e participativas com sua cidade e evoluídas. Parte de nossas exigências passa pela avaliação do compromisso e responsabilidade que os seres locais têm em relação ao seu habitat. Os jovens podem nos ajudar muito nessa missão.

— É, esse lance de adultos serem mais desconfiados e difíceis de conversar faz muito sentido. No filme do super-homem, por exemplo, quando o pessoal descobre que ele não é da Terra, o coitadinho sofre muita perseguição. E olhe que ele parece com os humanos, o que não é exatamente o seu caso. Esquisito como você é, provavelmente, assustaria o povo daqui. Sem ofensas.

— Quanto a isso, não precisa se preocupar. Tenho alguns truques, meu caro. Surpresas, muitas surpresas. Você vai ver que sou cheio delas. Posso ficar invisível sempre que quero. Posso voar, fazer desaparecer objetos e locais, viajar no tempo. E veja bem, você terá as mesmas possibilidades. Junto comigo, dentro do meu campo energético, ficará invisível.

— Tá, mas você falou em fazer isso tudo comigo e com a minha irmã. Não sei se ela vai concordar. Além de ser menina, é mais velha

e não é tão corajosa como eu. Se você tivesse aparecido assim para ela, no mínimo, ela tinha gritado.

— Ela irá conosco, tem um instinto protetor muito grande em relação a você. Seria possível chamá-la agora? Vejo que ela está no computador atrás daquela parede.

Em um misto de euforia e indecisão, Heitor entrou em casa, foi à cozinha, bebeu um copo de água, esfregou os olhos e pensou se deveria mesmo chamar a irmã ou desistir de brincar de pipa no quintal para evitar topar com a criatura lá fora. No entanto, a promessa de aventura era mais tentadora, e resolveu chamar a menina.

— Larinha, Larinha, corra aqui, você não vai acreditar! Venha pro quintal agora, é muito urgente!

Lara, ao se deparar com Krenac, imediatamente, arregalou os olhos de espanto. Antes que

pudesse emitir qualquer som, Heitor a tranquilizou e repetiu a fantástica história do ET. Claro que isso não foi suficiente para apagar a expressão no rosto da menina que, estranhando o visual do E.T. e bastante desconfiada, perguntou:

— Isso que o Heitor falou é verdade? Posso chamar meus pais para saber de tudo?

— Meus companheiros de equipe irão distrair os pensamentos do Sr. Ricardo e Sra. Ana Maria sempre que estiverem comigo. Não sentirão a falta de vocês. Eles voltarão hoje para Fortaleza e ficarão de férias daqui a duas semanas, correto? Poderemos marcar o nosso primeiro passeio para a primeira segunda-feira das férias. A partir daí, acertaremos os dias e horários dos outros, dependendo do lugar. O que acham?

Lara retrucou:

— E que segurança nós teremos?! Você tem

poderes, distrai nossos pais... e se quiser levar a gente pro seu planeta? Isto não vai dar certo. Só concordo se falarmos todos com um adulto, quem sabe o vovô Olavo. Ele precisa saber e confiar que não vão nos levar para sua estação interplanetária – a menina já começava a perder o medo, que passava a ceder espaço para a curiosidade – mas antes me responda, por favor, por que seu cabelo muda de cor?

— Dependendo da temática do que estou pensando, ele fica vinho, azul, laranja, amarelo, verde, lilás, roxo, rosa e turquesa. Como estamos decidindo assuntos práticos está laranja. Voltando ao assunto, eu concordo com você. Melhor ter um adulto por perto. O seu avô seria uma ótima ideia. Quando poderíamos falar com ele?

Lara, ainda processando as informações e distraída, pelo colorido das luzes do cabelo de Krenac, demorou a responder, ao passo

que Heitor, ansioso por deixar tudo acertado, sugeriu:

— Meia hora antes de nossa primeira visita à cidade, você conversa com ele, tá legal?

— Não, Heitor. Melhor no sábado, antes da primeira visita. Assim ele pode falar com calma e pensar se pode ou não deixar. Podemos ver a hora que mamãe vai ao shopping com papai e pedir ao vovô que venha até a nossa casa. Afinal, moramos bem pertinho dele.

— Tive outra ideia, Larinha. Vamos nos encontrar na casa do vovô. Assim mostraremos sua biblioteca, aquela coleção e seu quintal. O que acha?

— Pode ser uma boa ideia – respondeu a menina com um ar meditativo. – Então até sábado anterior a nosso encontro. O endereço é quase o nosso mesmo. Você já deve saber,

né? Uma quadra a mais, um terreno grande, um minissítio. A campainha é um chocalho.

— Que curioso! Um chocalho? Então até lá.

Heitor, que não tirava os olhos do cabelo do E.T., acenou para ele dizendo:

— Taí, gostei desse cabelo que muda de cor, queria o meu assim também.

Krenac sorriu, acenou e girou ao redor de si mesmo, desaparecendo num raio de luz.

As crianças se entreolharam boquiabertas.

No caminho para a sua base móvel, Krenac refletia consigo mesmo que suas visitas estavam dando bom resultado. As crianças foram, de fato, muito bem escolhidas. Inteligentes e interessadas. Krenac já sabia que o pai era leitor dos clássicos da literatura dos humanos; a mãe era professora de história da arte e ainda o avô, com aquela esplêndida biblioteca. Só poderia

dar certo. Mais de uma vez, havia visto cada um deles e mesmo toda a família lendo ou pesquisando naquela sala. Tinha circulado pelas casas da família várias vezes, invisível, para reiterar a escolha de Heitor e Lara como acertada. Teria boas notícias para dar aos colegas. Tranquilo, esvaziou a mente e quase cochilando, ligou o seu próprio piloto automático e continuou seu voo para a base.

Heitor e Lara correram para dentro da casa de tia Laura que os chamava para o lanche, a especialidade da tia, tapioca. Os dois adoravam a tia Laura e sua casa, cheia de comidinhas gostosas.

Logo mais à noite, voltaram para a casa de seus pais, o Sr. Ricardo e a Sra. Ana Maria, residentes na Parangaba. Muito quietos, não paravam de pensar no ocorrido. Jantaram apressados, pediram alguns livros e apontamentos sobre o centro de Fortaleza à sua mãe, dividi-

ram o material entre eles e correram para os seus quartos. Não paravam de olhar para as janelas. O vento soprava forte. Será que Krenac iria aparecer de repente?, pensou Heitor. Com uma ponta de medo caminhou devagarinho para o quarto de Lara. A casa estava escura, mas no quarto da irmã uma pequena luz continuava acesa.

— Venha, Heitor, você está com medo? Fique aqui na rede perto de mim.

Demoraram a pregar os olhos. Estavam muito impressionados pelo que aconteceu na tia Laura. Afinal, vencidos pelo cansaço, dormiram imaginando. Voar, voar, seria verdade?



## CAPÍTULO 02

# **NA CASA DO VOVÔ OLAVO**

Era sábado. Havia trovejado muito de madrugada. A chuva havia passado e o sol brilhava tanto que concedia um realce especial às folhas do quintal do vô. Heitor e Lara tomaram café rapidamente com os pais, Ricardo e Ana Maria. Heitor havia até vestido a camisa pelo avesso. Trocou-se rapidamente e foram para a casa dos avós. Estavam muito ansiosos. O Sr. Olavo preferiu dividir o assunto com sua mulher, dona Almerinda, conhecida, na vizinhança, por sua descrição. Era uma vovó muito cuidadosa e seria uma boa parceira na avaliação.

Ainda eram oito e meia e lá estavam os quatro à espera de Krenac.

— Vamos comer sapoti – disse vovô Olavo.

— Prefiro graviola – respondeu Lara.

Vovô pegou duas belas porções das duas frutas maravilhosas de seu quintal e deu aos netos. Comeram e repetiram. Eram as preferidas e faziam parte do ritual do café nas férias, comer frutas fresquinhas na casa dos avós.

— Já vi que não tomaram café direito. Estão ansiosos. Nós também queridos, muito ansiosos e curiosos. Vovô lembrou que deveriam fazer umas pesquisas no final de semana, para se certificarem do roteiro mais adequado para levarem o amigo. Deveriam perguntar, também, à Ana Maria quais os locais aonde ela levaria uma amiga de fora do estado. Os dois concordaram com o avô, pensando na estação intergaláctica.

Eram nove em ponto quando Krenac apareceu no quintal. Voando em direção ao fundo da casa, aterrissou na agradável varanda.

— Bom dia, família Monte. Gostei deste quintal.

— Bom dia, Krenac – disseram em coro, os quatro.

— Temos várias coisas a lhe mostrar – disse o avô. — Esta casa antiga é da família há várias gerações. Está sempre bem cuidada, porque é muito bem pensada, construída e nós a preservamos para os netos e mesmo para o bairro. É linda de se ver, mas dois pontos são mais importantes para nós, a biblioteca e o pomar no quintal.

A biblioteca tem livros de muitos assuntos. Predominam arte, assunto da minha filha Ana Maria, cultivo de plantas, tema predileto da Almerinda, história, astronomia, de que eu gosto muito. Literatura nacional e estrangeira são os preferidos do Ricardo, além de um pouco de economia e direito.

— Puxa, que coisa interessante. O senhor é um estudioso dos bons. Deve ter muito a ensinar.

— Obrigado, eu sempre gostei muito de estudar. Sou economista e professor de história. Além de trabalhar na Secretaria de Planejamento do Estado, ensinei história a vida toda, no turno da noite, em escolas públicas. Mas lhe digo, por mais que a gente estude, ainda sabemos pouco do conhecimento que os humanos acumularam ao longo do tempo. Mas vamos lá atrás, ver as fruteiras. Aqui minha mulher comanda as verdinhas.

Os cinco foram ao quintal. Foram precavidos e levaram depósitos de plástico para tirar algumas frutinhas de presente, para Krenac experimentar.

— Isso aqui é minha paixão, Krenac. Aqui, além das atas, cajus, graviolas, limões, laranjas,



bananas, pitombas e mangas; temos um canteiro de alface, cebolinha, manjericão, alecrim e capim limão e outras - mostra dona Almerinda com os olhinhos brilhando de pura paixão.

Krenac experimentava o cheiro das ervas e não tirava os olhos das frutas que dona Almerinda ia colhendo e lavando. Ele olhava tudo com muita atenção.

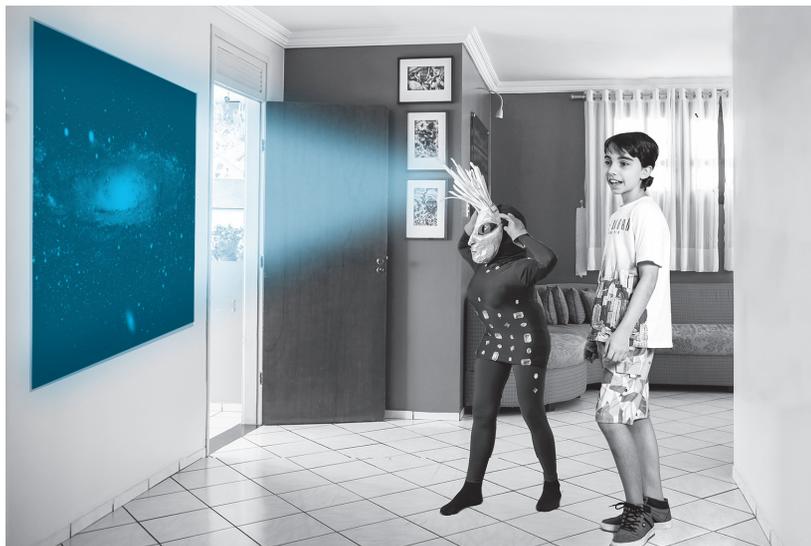
— Vamos entrar, Krenac. Experimente nossas frutas e depois nos conte de onde você vem, o que deseja com nossos netos e que prêmio é este para a cidade de Fortaleza.

Bem sentado à mesa, Krenac experimentava as frutas e se deliciava com cada uma, saboreando-as vagarosamente. Perguntava à dona Almerinda as propriedades e sempre elogiava suas cores e formas. Depois, calmamente, sentou-se numa rede a ele oferecida, armada na varanda voltada para as árvores e falou:

— Venho de uma galáxia chamada Cygnus, muito distante daqui. Lá estamos muito mais evoluídos que a Terra, em inúmeros aspectos. Tecnologia para as áreas de energia, plataformas de viagem, transportes em solo, água e ar, informática, arquitetura; cultivo de espécies animais e vegetais, medicamentos naturais, saúde, botânica, e muitos outros temas em vários campos do conhecimento. Além disso, temos capacidade de materializar coisas com a energia do pensamento, sobretudo se estamos a serviço de nosso objetivo de trabalho.

Dona Almerinda estava bastante vaidosa vendo o ET apreciando as frutas que ela cultivava com tanta dedicação. Já vovô Olavo não desviava os olhos de Krenac, muito atento a tudo que ele dizia, enquanto ele continuava a discursar sobre os seus poderes especiais e a missão que o trouxe aqui:

— Estando, aqui na Terra, a serviço intergaláctico, posso também realizar muito mais coisas que poderia lá. Temos que melhorar as condições da Terra. No meu caso, na área de comunicação e viagens para possibilitar missões de pessoas inteligentes, para levar a ver experiências exitosas em vários mundos muito mais organizados que o de vocês.



Há vários colegas pesquisando em outras cidades. Se nessas visitas que seus netos me levarem, pudermos pontuar a cidade de modo que se mostre capaz de ter uma estação intergaláctica de última geração, quem sabe poderemos contemplá-la? Sabe, pessoal, quando ingressamos na estação, nos transformamos e viajamos acima da velocidade da luz, para qualquer lugar do universo. Chegando ao destino planejado, já estacionados, retornamos a nossa forma original.

— Quero viajar – disse Heitor, ouvindo com os olhos bem arregalados.

— Calma, é tudo um longo caminho. Vou mostrar num filme uma dessas viagens para um planeta parecido com a Terra.

Olhando para uma parede clara, com os olhos piscando muito, Krenac projetou um filminho que saía diretamente das pontas de seus

cabelos. Era sobre o seu planeta na galáxia de Cygnus. A vida lá, a saída para a viagem, a experiência em um lugar mais evoluído e o retorno. Até algumas mudanças iniciais que ocorreram no planeta visitado, eles puderam constatar.

Aquele filme, que mostrava Krenac trabalhando, fez os avós verificarem que o projeto poderia ajudar Fortaleza a melhorar, e que os seus netos poderiam mesmo colaborar. Dona Almerinda levantou o polegar aprovando e foi pegar um suco de manga coité para comemorar o encontro e a aprovação. As crianças estavam radiantes. Afinal, voar nas visitas já estava garantido.

O ritual demorou toda a manhã. Convidaram Krenac para almoçar e fazer a sesta. Ele perguntou o que seria servido. Soube que era peixe e decidiu ficar. Ainda não comera pargo. Almoço findo, Krenac elogiou muito o peixe

recheado. Fez uma breve sesta, já bem melhor acomodado na rede. Combinaram que o primeiro setor a conhecer seria o Passeio Público e imediações. Krenac já tinha algumas sugestões sobre isso, pois pesquisara e trouxera as opções de Cygnus. Assim, despediram-se.

— Até o Passeio Público na segunda, às oito. Não me esquecerei de lembrar aos seus netos de dar notícias no curso das visitas – disse Krenac.

Rodopiando num raio de luz, lá se foi Krenac desaparecendo para encontrar os colegas na base, seu ponto de apoio nas imediações da Terra.



## CAPÍTULO 03

# LUGAR DO ENCONTRO E DA ALEGRIA

Era uma segunda-feira de lindo sol. Lara e Heitor mal dormiram. Acordaram cedinho, ansiosos para a primeira visita com Krenac. Na véspera, Lara havia olhado novamente alguns apontamentos da mãe e verificara que guardara muitas coisas na sua cabecinha. Sua mãe e seu pai, também, conversaram longamente com eles. Não entendiam por que esse interesse tão acentuado pelo centro da cidade. Não que não pensassem nisso antes, mas agora só falavam nesse assunto e anotavam informações em bloquinhos e no tablet. Os pais estavam desconfiados. Estaria acontecendo algo?

Pela manhã, como de costume nas férias, os dois foram tomar café na casa dos avós. Sempre muito farto e variado, os quitutes desta vez pa-

reciam intermináveis. Os avós brincavam com a pressa dos dois. Vovó disse sorrindo:

— Calma, nem o Krenac, nem o Passeio Público vão fugir, e vocês precisam estar bem alimentados para aproveitar a visita.

Os dois balançaram a cabeça afirmativamente e saíram mais calmos para pegar o metrô. Saltaram na estação da Praça José de Alencar e concluíram o percurso andando.

Meia hora mais tarde, já na Praça do Passeio, deram duas voltas e não encontraram o amigo. Desapontados, iniciaram mais uma circulada e descobriram bem assustados que ele estava sobre o baobá.

— Venham para o campo invisível aqui no alto.

Os dois estavam meio incrédulos com a posição do Krenac e continuavam imóveis.

Krenac gritou novamente:

— Venham para o campo do invisível, fechem os olhos. Esta árvore me encantou. Parece muito com as que são cultivadas lá em alguns planetas de Cygnus. Pensando melhor, vamos para o telhado do quiosque.

E lá se foram os três. Já no telhado, Lara não perdeu a chance de falar:

— O baobá foi trazido da África pelo Senador Pompeu.

— Ótima iniciativa desse senador – comentou o E.T. — Devem ter muito a me contar deste lugar tão interessante.

— Certamente – disseram os dois em coro.

E Lara continuou apontando em várias direções:

— Veja Krenac, uma das primeiras Praças

de Fortaleza, que trocou de nome como quem troca de roupa, por causa dos usos que fizeram do espaço e da presença dos edifícios: Largo da Fortaleza, por causa daquela Fortaleza ali; da Misericórdia, por causa do hospital, lá; dos Mártires, por causa da execução dos condenados à morte no local.

— Como assim? – perguntou o E.T.

— Isso mesmo, Krenac. Um grupo de descontentes com o governo foi executado aqui por conspirarem contra. Eram os Confederados do Equador: Tristão Gonçalves, Carapinima, Pessoa Anta, Francisco Ibiapina, Azevedo Bolão e Padre Mororó – disse Heitor.

— Vocês querem falar com eles? – perguntou o E.T. para surpresa dos amigos.

— Não, obrigada, todos já morreram e eu quero continuar viva. Pirou Krenac? – disse Lara.

— Ninguém precisa morrer, eu posso chamar os confederados aqui. E então, o que vocês acham? É só escolher.

— Carapinima – ela respondeu. Heitor concordou com um gesto na cabeça.

Os três desceram do quiosque até um banco próximo. Krenac fechou os olhos, respirou fundo, esfregou as mãos várias vezes. Apareceu então um homem vestido com uma roupa bem antiga, meio amarrotada, de chapéu, um tanto atordoado, perguntando:

— O que faço aqui? O que querem de mim?

— Sr. Carapinima, somos Heitor, Lara e Krenac. Estamos visitando esta praça onde você e seu grupo foram executados. Temos muita admiração por sua luta. Pode nos contar algo sobre ela? – interrogou Lara.

— Isso é jeito de falar com ele, Lara? – reprimiu Heitor – falar do lugar dizendo logo que é onde ele morreu? Assim ele não vai falar com a gente!

— Não tem problema, rapaz. Foi uma morte gloriosa, por uma causa nobre, em que eu acreditava. Falo com satisfação. Em 1824, queríamos criar uma república no nordeste, separada do Brasil de D. Pedro I. Seu governo era muito insatisfatório. Iniciada no Recife, Tristão Gonçalves logo organizou planos de governo. Em pouco tempo, contávamos com mais de 500 participantes de estados vizinhos, incluindo o Ceará. Um deles se entregou, os conflitos cresceram e mataram Tristão. Tínhamos chegado a instalar a nova república em Aracati, por um tempo curto. Fomos todos mortos aqui mesmo.

— E não tinha jeito de vocês não serem mortos? – perguntou Heitor penalizado.

— Sim, tinha. Havia um Aviso Ministerial suspendendo a execução. Mas a pressa dos que resolveram nos eliminar foi mais eficiente que a chegada do documento.

— Se naquele tempo tivesse WhatsApp teria dado certo suspender a execução – lamentou Heitor.

— Uma lição para nós – disse Lara – não ter pressa nas decisões importantes, refletir. Obrigada, Sr. Carapinima, pelo seu tempo e ensinamentos.

— Foi bom ter encontrado vocês. Não deixem jamais de lutar pelos ideais em que acreditam. Adeus.

Krenac deu um leve toque sobre sua cabeça, com os olhos bem fechados. Ele foi ficando invisível até desaparecer por completo e retomou a palavra.

— Este lugar é muito agradável. Destoa da cidade de um modo geral, pois tem muito verde. Aliás, esse é um ponto que não entendi, ainda, como uma cidade de clima quente tem a vegetação tão escassa. Londres, que é muito mais fria, tem vários parques bem cuidados. Paris é repleta de árvores nas avenidas. Não tive oportunidade de ir, mas meus colegas que cobriram a Europa já mandaram os relatórios. No quesito meio ambiente, elas foram bem pontuadas.

— Krenac, nós temos alguns parques também, mas eles de fato não são bem cuidados. Minha mãe sempre fala que para regulamentar a área do Cocó a luta é grande. Mas sempre tem alguns grupos tentando debater e melhorar isso na cidade. Talvez com o tempo as pessoas tomem consciência da importância do verde – defendeu Lara.

— Espero que sim. Quero saber mais

sobre esse lugar. O que vocês me contam desta praça?

Heitor começou bem empolgado:

— Na metade do Século XIX, as pessoas se encontravam em clubes, igrejas, associações religiosas ou não, feiras e teatros. Nunca ao ar livre, não havia espaços para isso.

Lara interrompeu:

— Krenac, antes os espaços verdes, inclusive os bem extensos para caçadas, existiam apenas para os homens mais importantes e ricos da nobreza, do clero e da realeza. Assim, para atender à população, as ideias que existiam há mais de 20 anos foram sendo realizadas já mais pro final do século. Aproveitaram este terreno enladeirado na época, aterraram e pouco a pouco fizeram as três avenidas: Mororó, Caio Prado e Carapinima. Havia esquecido, Krenac, houve apenas uma praça antes,

também aterrada, a dos Leões, ainda vamos dar uma passada por lá.

— E era só assim, a praça?

— Não Krenac, pouco depois ganhou grades, jardins esculturas e iluminação a gás. Sabe, mesmo usando árvores locais, o baobá africano veio nessa época, aqui do Recife.

— Poderíamos ver as esculturas de perto?

— Sim, mas vamos primeiro até o gradil, do lado do mar, onde havia mais dois trechos de praça, para baixo.

— Como assim?

— Vamos que lhe mostraremos.

Os três se dirigiram junto às grades e ficaram um tempo olhando o mar em silêncio.

Aquele verde infinito, calmo, onde deslizavam quase bailando duas jangadas branquinhas. De repente, algumas ondas quebravam aquela quietude e provocavam breves movimentos nos trechos mais próximos.

— Eu conto dos outros planos – disse Heitor, quase num susto para os outros dois. E continuou. – Descendo uma escada que existia entre aquelas duas esfinges ali, havia um plano menor que chegou a ter um cassino, bem criticado por muitos. No plano mais abaixo, lá na atual avenida, o outro plano da praça era o máximo. Um lago artificial formado pelo rio Pajeú. Dentro, uma coluna de pedra com uma estátua de Netuno e seu tridente. Mais duas torres com cobertura em forma hindu.

— Devia ser muito bonito esse pedacinho com o lago – disse Krenac.

— Você não sabe do melhor e do pior. O lago era uma verdadeira farrá. Muitos tomavam banho sem roupa e pescavam pitus e camarões. E pena, matavam também passarinhos – disse Heitor.

— Os passarinhos? Não tinham nenhuma sensibilidade, esses travessos.

— Ainda não disse o pior. Nos anos quarenta, foi um tanto abandonada esta área e os cadetes da escola militar, situada logo ali, matavam emas e veados que circulavam à vontade.

— Que bárbaros! Tive uma ideia. Vou materializar e trazer de volta o segundo e terceiro planos do Passeio Público. Vocês querem? – perguntou o E.T.

— Claro! – apressaram em responder, sem acreditar que fosse possível.

— Fechem os olhos e sintam bem a brisa por um tempo.

Os dois sentiram um arrepio de frio pelo corpo, antes de abrir os olhos novamente. Que incrível! Os dois níveis estavam ali novamente, ao vivo e a cores. Até os bichinhos! O que havia há poucos minutos do presente, desaparecera.

Entraram em acordo e voaram até o lago. Os dois, surpreendidos e muito contentes tocaram em alguns veados e emas que passeavam tranquilamente, bem donos da situação. As águas eram límpidas. Netuno era um show à parte. Chegaram perto dele e ficaram boquiabertos. Tudo parecia absolutamente real. Krenac sorriu e disse:

— Que tal falarmos com ele? Estou bem curioso.

Fechou os olhos, apertou muito e abriu novamente. Esfregou as mãos várias vezes e chamou o Netuno. O deus deu um grande bocejo e foi logo reclamando.

— Que vento gelado! Tenho frio. Quem me chamou?

— Somos Lara, Heitor e Krenac. Estamos visitando a praça. Nunca falamos com um deus grego, romano, ou de qualquer outra origem. Podemos saber um pouco de você? – perguntou Lara.

— Sim, até que é interessante falar um pouco. Estou muito sentido por terem me levado para o Parque das Crianças, perto daquele antigo laguinho do Garrote. Não dá pra comparar com o mar. Logo eu, longe do mar. E depois ainda retirado de perto do laguinho para o desaparecimento. Logo eu, longe do mar, do laguinho! Não dá. Mas o que querem saber de mim?

— Tudo que nos contar será interessante. Incluindo sobre o seu tridente, é claro – adiantou-se Heitor.

— Sou Netuno, o mesmo Poseidon da mitologia grega. Sou filho de Saturno ou Cronos e de Cibele, também conhecida como Réia. Tenho dois irmãos, Júpiter ou Zeus e Plutão ou Hades, ambos com nomes distintos nas mitologias romana e grega, com quem divido o reino de meu pai. Tenho poderes sobre as águas deste planeta, suas fontes, rios, mares e ainda terremotos.



Heitor, com a fisionomia assustada, perguntou:

— Quer dizer que pode provocar tempestades?

— Sim e também tufões e maremotos, os tais tsunamis, tudo isso com meu fabuloso tridente.

— E o Sr. voa para fazer esses estragos?  
– continuou o menino assustado.

— Não, jovens, quando em missão, minha carruagem com meus cavalos marinhos me levam. Se desejam saber, vai uma verdadeira comitiva com ninfas, sereias e Tritão. Este é o musical do grupo. Sopra uma concha que funciona como trombeta.

— Que movimentação! – disse Heitor.

— Gosto disso. Mas tive também algumas amantes que me deram dois filhos, Polifemo e

Tritão. O primeiro tem um olho na testa, um tanto diferente dos terráqueos. Esquisito, o meu filho. O segundo, belo como a mãe, uma ninfa do mar. É um semideus, com parte do corpo como cauda de peixe. Sempre anuncia minha chegada e sua trombeta consegue domar as ondas. Filho de peixe, peixinho é. Agora peço licença, tenho um trabalho a fazer no lago daquele lugar de onde me levaram, o Parque das Crianças. Puxa vida, longe do mar, longe do mar, não suporto, tenho saudades – disse.

— Obrigada pelas informações – falou Heitor, ainda com uma cara meio assustada.

Com a ajuda de Krenac, Netuno sumiu numa rajada de vento, sem nenhum dos acompanhantes dos quais falara.

— Tomara que não vá esvaziar a água do parque. Deus mais maluco, estou aliviada com sua partida – disse Lara.

— Eu também – concordou Heitor – valentão ele, parece que faz academia ou toma aqueles suplementos, esse deus! Vamos escolher outros?

— Que tal uma deusa? – sugeriu Lara.

— Ok amigos, vamos até Vênus, aquela perto do quartel.

Caminharam devagar até a deusa. Krenac ficou impressionado com sua beleza. Surpreendido, quase não fecha os olhos para o rito da chamada. Afinal, mãos à obra. Olhos fechados, esfregando as palmas das mãos, e Vênus acordou suavemente.

— Bom dia, deusa Vênus – três vezes disseram.

— Somos visitantes da praça. Pode falar sobre você? – completou Lara.

— Bom dia. Não dá para falar assim sem

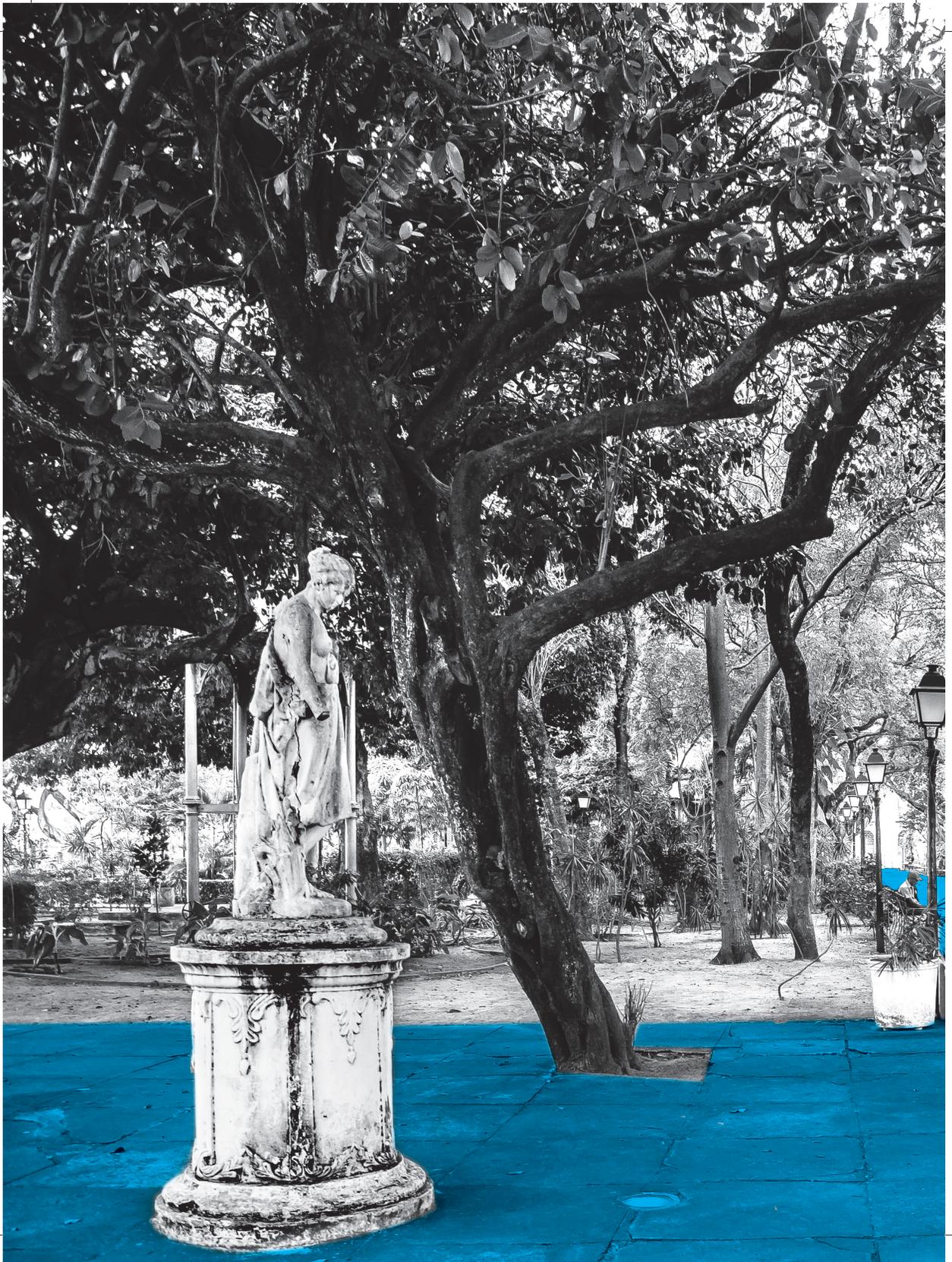
saber o que vocês conhecem de mitologia. Já estudaram algo sobre o assunto?

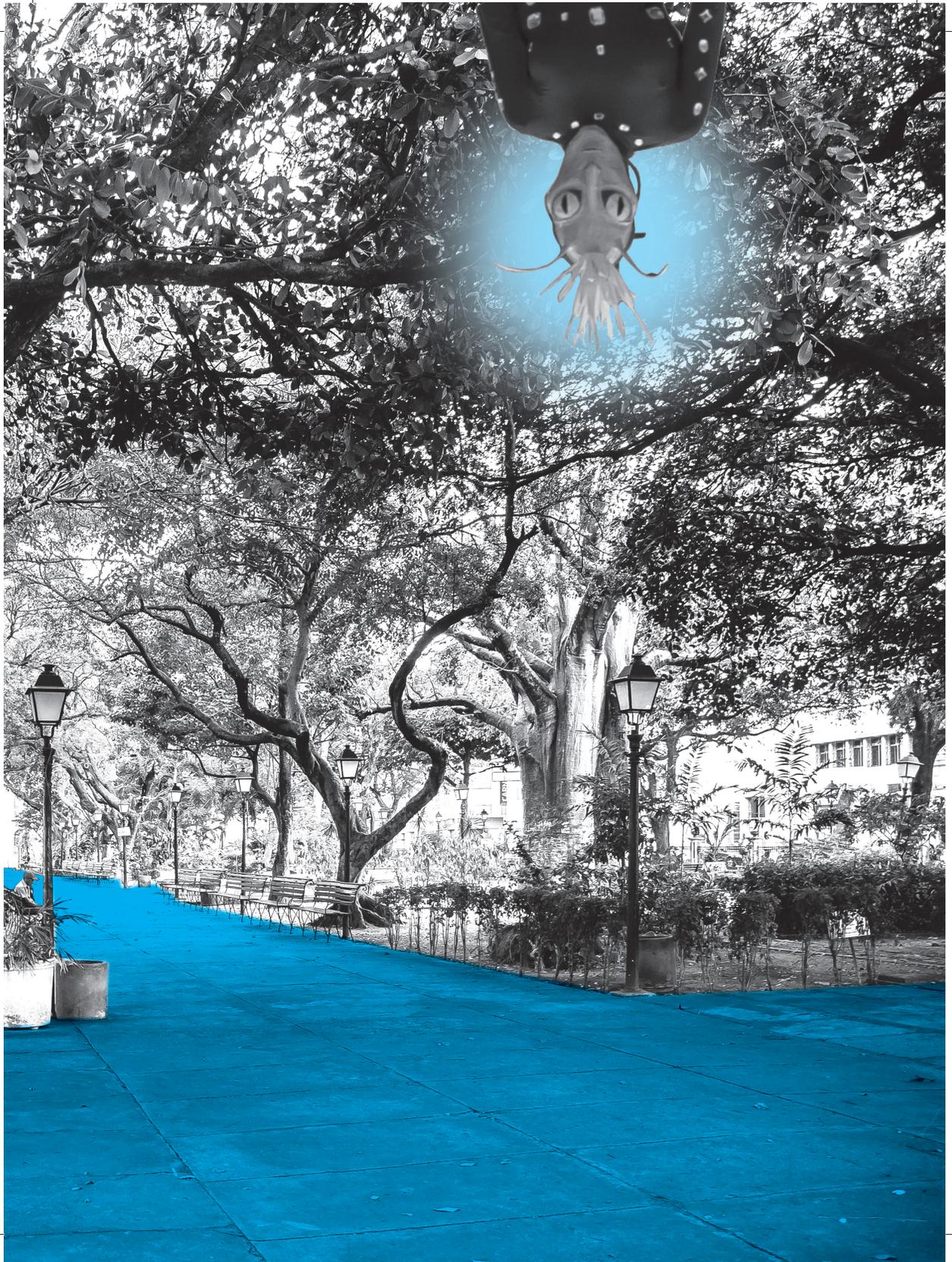
Os três se olharam e Krenac respondeu na frente.

— Não sei nada desses assuntos mitológicos.

— Vou esclarecer – disse Vênus, com uma voz suave e musical – os gregos e outros povos criaram mitos para divulgar e perpetuar suas memórias. A mitologia grega parece mais divulgada entre os humanos. Assim, heróis, deuses, ninfas e centauros integravam esse mundo mitológico. Os deuses habitavam o Olimpo e de lá comandavam a vida dos seres humanos. Mesmo imortais, tinham algumas características dos humanos. Quando se envolviam apaixonadamente com humanos, tinham filhos, os heróis.

— Deve ser o máximo ser herói, ser forte, ter poder – interrompeu Heitor.





— É verdade, os heróis fazem coisas inacreditáveis em comparação aos feitos dos humanos - respondeu Vênus com sua voz musical e continuou — sabem quem era Zeus ou Júpiter? O senhor dos céus. Afrodite, eu mesma, Vênus, nome romano, deusa do amor, sexo e beleza. Poseidon, com quem dialogaram, dos mares; Apolo, das artes, poesia, música e das profecias; Ártemis ou Diana, da vida selvagem e da caça e outra Vênus com Cupido ou Eros. Em geral, um menino com asas que tinha dois tipos de flechas: de ouro para incentivar o amor e de chumbo para afugentá-lo. E tantos outros, inclusive os que saíram daqui, Mercúrio, Ceres e Netuno. Foram embora também as esculturas do Gladiador, de Paulo e Virgínia e o menino com golfinho.

— E esta escultura tão bela? – disse Lara, totalmente encantada com a beleza da deusa.

— Sim, jovem, a original mesma foi esculpida em mármore, mais ou menos em 130 antes de Cristo, provavelmente por Alexandros de Antioquia. Foi encontrada na ilha de Milos por um camponês que vendeu bem baratinho. Mas hoje, ela está no Museu do Louvre. E sabem quem levou? O Rei Luís XVIII. Ganhou de presente, em 1821. Eu sou uma cópia da famosa que se encontra no museu.

— Você tem amigos aqui? – inquiriu Heitor.

— Sim, Heitor. Gosto muito de conversar com Prometeu, à noite, quando tudo aqui fica muito quieto. Vamos para o lado voltado para o mar e ficamos a apreciar a imensa massa de água com uma brisa maravilhosa. Ali, o herói me conta suas peripécias, entre as quais como roubou o fogo de Zeus para os mortais. A punição foi muito cruel. Foi acorrentado e todos

os dias uma águia comia seu fígado que crescia todos os dias novamente. Isso porque ele é imortal.

— Eu queria ser herói também.

— Seja ético e bom entre os humanos e já será um jovem herói.

Os três agradeceram à bela deusa e foram dar mais um giro em lugares especiais da praça. Enquanto caminhavam, lentamente, Lara discorria sobre eles. Pararam em Prometeu, o amigo de Vênus. Altivo, não parecia muito disponível para diálogos.

— Vejam como é forte! Também tem sinais de esportista no físico. Imagino que deve sair desta posição à noite, deve dar muita dor nas costas passar o dia assim – comentou Lara.

E continuando a caminhada, viram as lindas mulheres cobertas apenas com toalhas sobre seus corpos.

— Vejam, as duas *baigneuses*! A menor da fonte e a maior que integrava outra fonte desaparecida, que agora está isolada. Ambas lindas mulheres.

— Olhe o rosto do Krenac, embevecido com elas! – comentou Heitor rindo e acrescentando – você esqueceu aquela, a Diana ou Ártemis, a da roupa estranha e aquela Vênus com Cupido, como disse a Vênus de Milo. E ainda a minha fonte predileta, o menino com o ganso, jogando água pelo bico. Vamos ficar lá um pouco, a água faz um barulho muito gostoso.

Depois de passar nos mencionados pontos, apreciando devagar cada um deles, Lara concluiu:

— Esta praça foi lugar de patinação, apresentações musicais logo no início. E também de encontro, passeio, desfile, paquera, circo, teatro e até de degustação de guloseimas, sobretudo aos domingos e quintas. Aqui era o ponto de

lazer, ao ar livre, preferido dos habitantes locais que vinham ver os vapores e jangadas do alto. Mesmo perdendo os dois níveis mais baixos para outros usos, ela permaneceu muito disputada até nas primeiras décadas do século XX.

Heitor decidiu interromper para acrescentar um comentário que imaginou importante.

— Sabe, Krenac, estudei ainda ontem que várias coisas colaboraram para tanto sucesso desta praça. A importância dos vizinhos, muitas residências, pouco comércio, o hospital, hotéis e teatros. Com a chegada dos bondes e dos cinemas, vitrines, clubes e cafés da Praça do Ferreira, os frequentadores do Passeio foram para o novo espaço. Por muitos anos meio esquecido, após trabalhos de restauro, voltou recentemente a ser objeto de desejo local, com a presença de um restaurante e movimentação de artistas aos sábados e domingos.

— Puxa, vocês são mesmo ótimos guias, eu não estava enganado. Agradeço demais a valiosa colaboração que prestaram nesta visita. Meus colegas de nave também agradecem, temos muitas informações a processar. Agora seria bom ligar para os seus avós. Eles ficarão tranquilos – disse o E.T., com uma fisionomia bem feliz — e, a propósito, onde será a nossa próxima missão? – ele perguntou, curioso.

— A Santa Casa. Temos muito o que explorar por lá.



## CAPÍTULO 04

# UM PROJETO ITALIANO PARA O CANTINHO DA SAÚDE

Era quarta-feira e os dois irmãos acordaram um pouco mais tarde. O celular não havia despertado. Na véspera, pesquisaram o tema da próxima visita: a Santa Casa. Até haviam lido alguns artigos sobre o tema da moda, o tal mosquitinho de pernas listradas, o *Aedes Aegypti*. O dia estava ensolarado e ventava um pouco. Saíram correndo para pedir ajuda ao vovô, que fez questão de deixá-los no seu destino. Pararam direto no Passeio Público, em frente à Santa Casa. Procuraram Krenac por todos os lados, afinal, a edificação era enorme. Uma olhada a mais e descobriram que ele estava no balcão do meio, no pavimento de cima.

Krenac acenou e desceu num voo curtinho.

— Bom dia, jovens!

— Bom dia, Krenac – responderam os dois em coro.

— Tava se escondendo da gente, era? – emendou Heitor, com um ar faceiro.

— Longe disso. Cheguei bem antes e estava dando uma volta por todo o hospital. Fiquei impressionado com o tamanho dele, o número de pessoas que atende e a qualidade do serviço prestado, apesar das condições tão difíceis. Quase entro no centro cirúrgico, mas achei que poderia não ser uma boa ideia. Além da chance de contrair qualquer doença que algum paciente tivesse, vai que minha energia atrapalhasse os aparelhos?! Seria muita imprudência. Vocês sabem que só quero ajudar.

— Está coberto de razão. Não é à toa que nesses locais têm plaquinhas, alertando para permitir a entrada apenas de pessoas autorizadas.

— E então, o que vocês têm para me contar desta linda construção? – falou Krenac. Empolgado, Heitor desatou a falar:

— As primeiras Santas Casas surgiram, no Brasil, logo após o descobrimento. No início, foram instaladas em São Paulo e Olinda. Seu trabalho foi sempre baseado na caridade e fraternidade. O Hospital da Caridade de Fortaleza foi construído em 10 anos, em meados do Século XIX, mas não começou a funcionar porque não preparou a equipe de profissionais para atender. Assim, somente quatro anos depois, em 1861, foi inaugurado. Segundo o vovô, é um mau jeito dos administradores de não fazer os planejamentos direito. Acabam des-

perdendo tempo e dinheiro, a população é que sofre. Enfim, a construção era muito simples, apenas térrea. Em 1915, passou por uma grande reforma que seguiu o desenho de um arquiteto italiano chamado Fiorilo.

— Que belo trabalho ele fez – disse Krenac. E continuou. — Tive uma ideia, jovens.



Que tal chamarmos o arquiteto para falar sobre sua obra?

— Você faria isso? Eu adoraria – falou Lara. E Heitor de pronto. — Eu também.

Com as técnicas de costume, olhando bem para a fachada na tentativa de encontrar a alma do arquiteto, eis que aparece um homem muito elegante, um pouco tonto, perguntando a que vinha. Depois das apresentações e explicações, num sotaque bem italiano, o arquiteto começou, todo professoral.

— Estive pensando em falar um pouquinho e fazer um jogo com vocês dois. Se acertarem, vão ganhar uns chocolates que carrego comigo. São suíços e deliciosos.

— Queremos! Pode começar.

— Eu transformei a simples construção nesta obra magnífica de dois andares, de

feição eclética. Utilizei muitos elementos neoclássicos e caprichei na ornamentação. Para dar movimento e ressaltar a fachada, empreguei no meio e cantos os .... Quem me diz o nome deles?

— Balcões – respondeu Lara apressada.

— Muito bem. Vejam as esquadrias, no geral têm verga reta com molduras e cornijas com rosáceas. As dos balcões terminam em... E as colunas são...

— Frontões triangulares e colunas coríntias – disse novamente Lara.

— Tudo correto. Temos ótimos alunos por aqui. Vamos continuar. As colunas e os frontões são elementos neoclássicos. Aquela parte horizontal, acabamento que esconde o telhado, também, um elemento neoclássico, como se chama?

Ninguém respondia. Fiorilo esperou um pouco e Heitor arriscou:

— Tem em muitos edifícios. É a plati-banda. No meio, muita decoração e as datas da inauguração e da sua reforma.

— Isso mesmo, parabéns. Vocês sabem o nome das peças que sustentam os balcões?

Ninguém respondeu. Os dois irmãos se entreolharam, pensando ter perdido os chocolates.

— As mísulas. Não são perfeitas? Pela fisionomia pensam ter perdido os chocolates. Que nada, vocês são ótimos e minha mochila é grande. Tenho um monte e são de vocês, que fizeram por merecer.

— Puxa, obrigada pela aula e pelos chocolates.

Os quatro se cumprimentaram e fizeram trocas de agradecimentos. Krenac ajudou o simpático Fiorilo a ir numa nuvem de energia cin-

tilante. Ainda pensando naquele monte de palavras difíceis, foram para o Passeio Público comer chocolate, perto do menino com o pássaro.

— Vi muita gente aqui se queixando de dores por causa de um mosquito, reclamam que as poças d'água na cidade contribuem para a proliferação das doenças. Ninguém cuida disso não? Isso é coisa recente ou é problema antigo? – perguntou Krenac.

— Problema antigo, mas nunca resolvido a contento e que vem piorando. Porém, já nos livramos de outras epidemias graças a um cidadão chamado Rodolpho Theóphilo. Um baiano totalmente cearense – comentou Lara.

— Vamos chamá-lo? – pediu Heitor no ato.

— Maravilha! – Krenac pensou detidamente nos doentes que havia visto, na prevenção e cura das doenças e na energia benéfica do benfeitor. Com seus piscados e gestos de

mão, o E. T. conseguiu que ele aparecesse.

— Bom dia, senhores. O que faço aqui?  
Quem são vocês?

— Dr. Theóphilo temos muitos problemas de saúde aqui. Sabemos que foi sobretudo um batalhador pela medicina preventiva. Poderia nos contar um pouco sobre sua vida? Podemos bater um papo na antessala da capela da Santa Casa.

— Claro, com muito gosto – respondeu.

Os quatro se dirigiram para o local sugerido. Entraram na capela dedicada à Nossa Senhora das Graças. Era um espaço muito singelo. Chamava atenção os arcos nas paredes, os inúmeros vitrais com o “M” de Maria e o coro e a escada de madeira. Ficaram por uns instantes observando aquele lugar de paz. Voltaram para a antessala e Theóphilo, já sentado, iniciou seus relatos.



— Minha vida foi muito difícil desde a infância. Aos onze anos já estava órfão de mãe e pai e comecei a ensinar para me manter, estudar e ajudar meus irmãos. Tantas dificuldades me impulsionaram a pensar em ajudar a diminuir as dores dos infelizes.

Para conseguir, concluí o Curso de Farmácia em Salvador. Isso foi possível com a ajuda de boas pessoas.

— E então, conseguiu realizar seus sonhos? – perguntou Lara.

— Calma jovem, vamos passo a passo - continuou o entrevistado. — Na realidade, então eu queria criar asilos, hospitais e laboratórios para preparar os neutralizantes da raiva, da difteria, do veneno de cobra e do preventivo da varíola. Abri uma pequena fábrica de vinho de frutas e um laboratório de produtos farmacêuticos. Ilusão achar que logo ia ter recursos para fazer tudo caminhar. O governo taxava tão alto as indústrias que eu apenas ia sobrevivendo.

— Quantas dificuldades!

— É verdade, mas minha teimosia me fez abrir um pequeno instituto vacínico. No en-

tanto, antes dessa iniciativa, pouco depois da seca de 1877, eu havia combatido, com muito empenho, os terríveis efeitos das cascavéis no interior. Comprei os materiais necessários e distribuí com as instruções de uso. Cheguei a adquirir uma cascavel de 1.20 metros para checar a eficácia do tratamento.

Lara, que tinha pavor de cobra, interrompeu a fala contando a estadia na casa de uma colega em uma fazenda no Quixadá. Havia passado uma semana sem chegar perto da mesa de jantar, porque tinha sido encontrada uma cascavel enorme por baixo dela. E isso no dia da chegada. Terminado o relato, Lara suspirou e disse:

— Ainda tremo de pensar naquela cascavel. Dr. Theóphilo riu e disse:

— Sempre manuseio as cobras com os cuidados necessários, assim não há riscos. Mas

é muito compreensível o seu temor. Muitos o têm. Mas vamos voltar ao assunto. Nossas pesquisas demonstraram que a vacina não funcionava para seres vivos pequenos. Tanto que as cabras e os preás dos testes morreram todos. No entanto, nossa ajuda salvou 63 vidas de pessoas picadas por cascavéis. Depois, na época da seca de 1900 quando estava em Salvador, soube de muitas mortes no Ceará por causa da fome, peste bubônica e varíola. Voltei e verifiquei que a ausência de higiene pública contribuía muito para aquela situação. Imaginem que havia muitas pessoas morrendo em redes nas praças da cidade. Era um drama, vocês não têm ideia.

Heitor muito penalizado fez uma carinha de compaixão e comentou:

— Precisa ter muita coragem para ajudar as pessoas nessa situação. O senhor é um herói.

O farmacêutico sorriu e continuou:

— Quanto maior a dificuldade, maior a coragem, Heitor. A situação pedia. Assim, minha mulher, eu e um ajudante inauguramos um vacinogênio. Eu preparava a vacina e ia de casa em casa por todos os subúrbios. Pensam que era fácil? Tinham medo de mim e fugiam. Eu inventava as histórias mais fantásticas, incluindo anjos que desciam para vacinar. Às vezes, quando nada surtia efeito, eu dava dinheiro para vencer as resistências.

— Que bom que tudo deu certo – falou Lara.

— Qual nada, eu também pensava assim. No entanto, o Governo do Estado iniciou uma guerra contra minha obra com insultos e até me tirou o emprego de professor do Liceu. Sabe que era tão péssimo o seu governo que foi tirado pelo povo? Testemunhei sua partida

para o exílio com uma multidão que o enchia de vaias.

— Então suas lutas foram recompensadas?  
— interveio Krenac.

— Certamente, quando me lembro do número de pessoas que liberei da varíola, aplicando as vacinas que fabricamos, sinto muita alegria. Nunca me esqueço do aspecto dos que morriam daquela doença. Nem devo descrever para vocês, era muitíssimo triste. De todo modo, o ápice do meu sonho se concretizou quando vivi a seca de 1915 sem varíola. Nem o Rio, capital do país, esteve livre de casos da doença, porque contou apenas com o Estado. É sempre importante o concurso de pessoas dedicadas a importantes causas humanas para resultados exitosos.

— Puxa, que prazer em conhecê-lo!  
— disse Krenac, muito impressionado. — Os

jovens me sugeriram sua presença e estou deveras feliz com esse encontro. Muitíssimo obrigado.

— Eu que agradeço. Mas quero acrescentar que a cidade de Fortaleza anda muito mal cuidada pelo poder público e pela população. Atenção adequada com o saneamento, com os resíduos sólidos e com as águas guardadas em recipientes ou fora deles, evitaria a chikungunya, a dengue e a zica, todas transmitidas pelo *Aedes Aegypti* que tem atormentado a vida de tantos cearenses.

— É verdade, o senhor está bem informado. Se estivesse por aqui faria uma grande diferença. Obrigada pelas aulas humanitárias – completou Lara.

Os três se despediram do cientista com uma ponta de saudade. Ele era muito especial e sua presença fez um bem enorme a todos.

Os amigos foram até o passeio ouvir o som da água que jorrava das fontes. Sentaram pertinho da criança com o pássaro. Delícia ouvir aquela melodia com os olhos fechados. Muitas aves cantavam acompanhando o som das águas. Poderiam passar horas. Às vezes, o vento sibilava dando seu toque imperativo ao conjunto. Num susto voltaram à cena real com o canto mais estridente de um pássaro maior. Sorriam, despediram-se:

— Até sexta. O vô ia adorar estar com o cientista – falaram os irmãos.



## CAPÍTULO 05

# PERNOITE PARA DAMAS E CAVALHEIROS

Na sexta-feira os dois guias acordaram mais cedo que o previsto. Nem deram atenção ao celular. Mais uma olhadinha no computador de Ana Maria e lá se foram tomar café com os avós. Afinal, estavam de férias e lá era o ponto certo para as guloseimas. Vovô Olavo estava um pouco indisposto. Uma alergia até então de causa não definida surgira de repente. Vovó estava a postos e tinha duas surpresas, além do que oferecia no cotidiano: uma torta de chocolate e os sequinhos perfeitos. Eram o máximo, dissolviam na boca. Hum! Delícia.

Os dois foram pegar o metrô. Estava tudo meio tumultuado. Tinha ocorrido uma parada de 20 minutos e começou a acumular gente de horários diversos.

Lara e Heitor passaram, de fininho, pelo tumulto e se colocaram num cantinho do primeiro carro, a que tiveram acesso, para terem menos desconforto. Assistiram a algumas discussões entre passageiros mais impacientes, mas ficaram absolutamente quietos.

Chegando ao centro se dirigiram rapidamente ao “Hotel de France”. Procuraram o Krenac, nas duas ruas que contornam o edifício que sediava o antigo hotel. Deram mais uma volta e viram o E.T. no telhado, se aproximando da platibanda mais alta, lá no final da lateral.

— Olá, jovens amigos. Não venham para cá. Estava curioso para ver os telhados, mas não se sabe como anda a manutenção. São vários imóveis juntos e queria ver de perto. Vamos voar para o grande balcão da frente da atual Associação Comercial. Os três se encontraram no balcão sugerido.

— Que bela construção! – afirmou o E.T.

Ali parados, ficaram um tempo, observando a desordem dos carros, bicicletas e pedestres que circulavam. Krenac fez um gesto de desaprovação por tamanha indisciplina de todos. A seguir, desviaram o olhar para as árvores e outros componentes da praça. Era uma ilha de tranquilidade e beleza em meio ao tumultuado passa-passa. Desceram voando e se localizaram em perspectiva, para melhor observar o edifício que escolheram para a visita do dia.

Heitor foi logo se adiantando na história da edificação e desatou a falar.

— Este foi o segundo edifício construído, aqui neste local, que no final do século XIX foi reformado para ser o Hotel de France. Pertencia a três franceses, Isidor Braun, Louis Gonthier e Louis Dragaud. Em 1925, compraram a casa vizinha, menor, da rua lateral. Não ficaram com o

hotel por muito mais tempo. Dois anos depois foi alugado e se transformou em Palace Hotel. Efrem Gondim, o novo dono, logo providenciou sua ampliação. Mais um andar e mais uma compra. Desta vez, um edifício ao lado, também de frente para a praça.

Lara interrompeu, estava ansiosa para mostrar os detalhes.

— Veja, Krenac, é um belo exemplo eclético. Preste atenção como fizeram uma adaptação maravilhosa nas reformas. Tudo muito bem composto. Enfim, a edificação acabou apresentando muitos elementos neoclássicos: a platibanda, a simetria, as fileiras de janelas com arcos em círculo em cima das esquadrias, as entrâncias horizontais na fachada, etc.

Heitor voltou a falar.

— O Sr. Gondim também fechou seu Palace Hotel e a Associação Comercial comprou todo

o conjunto em 1973. Na realidade, a Associação já existia desde a metade do século anterior e seu primeiro dirigente foi um inglês, Richard Hugues. Sabe, Krenac, havia muitos estrangeiros no comércio daqui.

Lara retomou o discurso. Tinha olhado seu tablet e disse:

— Veja, Krenac, a saída do hotel pode ter sido um sinal de que o Passeio Público ia perdendo o prestígio. Mas peço que olhe, com atenção, alguns detalhes. Logo aponta para o edifício e mostra as mísulas a que se referiu o Arquiteto Fiorilo, os adornos da platibanda cheia de conchinhas e tantos outros.

Lara conduziu então os outros dois ao interior do prédio, hoje, sede da Associação Comercial, para mostrar detalhes que ela tanto apreciava. E disse:



— Inacreditável como são perfeitos os mosaicos de tamanhos e cores diferentes. O mesmo pode ser dito das bandeiras das esquadrias. Seus vidros, em cores, tamanhos e formas diferentes sugerem jogos com caprichosas montagens. A escada de madeira também é um primor.

Lara apontou para tudo que a encantava. Terminou defronte do elevador, um dos primeiros da cidade e ainda em pleno funcionamento.

— As coisas aqui eram feitas para durar, não apenas para consumo e substituição rápida – disse Heitor.

— É verdade, o meio ambiente era considerado também, Krenac. Hoje, muitos não lembram que estamos todos na mesma casa, a Terra. Precisamos pensar e agir para preservar nosso lar – acrescenta Lara.

Os três seguiram para o grande salão dos antigos hotéis. E Lara continuou:

— O grande salão está alugado para uma empresa de festas. Quando reservam, promovem aniversários, casamentos, formaturas, etc. Vejam, alguns móveis bem grandes compõem o ambiente. Dois chamam especial atenção. O da barbearia com grande espelho comum e vários setores individualizados para os clientes.

Heitor logo sorriu, apontando para os pequenos módulos que só possuíam um pé. — O da recepção, também muito grande, é composto com muitos adornos.

Krenac olhava tudo pensativo e apresentou uma sugestão:

— Estive lendo que os hotéis são lugares onde acontecem muitos fatos engraçados. Poderíamos chamar algum dos recepcionistas que trabalhavam naquele balcão para nos contar alguns deles?

Heitor logo ficou interessado e disse que sim. Lara concordou com um gesto de cabeça. Krenac olhou longa e fixamente para o balcão, tentando trazer um dos recepcionistas para o ambiente. Fixou-se bem no meio, abriu e fechou os olhos várias vezes, esfregou as palmas das mãos e viu aparecer, ali atrás do móvel, um homem alto e magro, com

uma roupa marinho, cheia de galões dourados. Muito elegante, usava um quepe também com galões. Um pouco atordoado, dirigiu-se aos três falando baixinho:

— Bom dia. Hotel de France, Rua das Flores. Têm reserva em nome de quem?

— Bom dia. Desculpe, não temos reservas. Somos Lara, Heitor e Krenac. Estamos fazendo uma pesquisa de fatos pitorescos que ocorreram no seu hotel, e o trouxemos para nos ajudar. Seria possível? – falou Krenac.

— Mas o senhor é muito estranho! Não posso dar informações sobre nossos hóspedes, isto é antiético.

— Não precisa dizer os nomes verdadeiros, pode mudá-los. Quanto a mim, não se preocupe. Estou tentando ajudar a cidade e o planeta. A propósito, qual o seu nome?

— Ah, desculpe, é Astrolábio.

— Astrolábio? Não é um instrumento naval para medir a altura dos astros? – perguntou Krenac.

— Perfeitamente, senhores. Meu pai era da marinha portuguesa. Completamente apaixonado pela marinha, pelos mares, navios etc. Daí, Astrolábio.

— Explicado, mas não sei se muito convencido. Acho que se fosse comigo ia tentar mudar de nome. Não ia encarar o *bullying* na hora da chamada na escola... – disse Heitor, achando muito engraçado. – E as nossas historinhas? – completou, tentando ajudar.

— Não sei o que é *bullying*, então sim, meu simpático trio de não hóspedes, vamos às histórias. Recordo de várias. Por exemplo, havia uma fazendeira, dona Mirtes, muito valente e trabalhadora que morava num

interior longínquo do Ceará. Vez por outra trazia o pai, já bem idoso e um pouco esquecido, para acompanhamento médico. Numa das vezes, aqui hospedados, iam também a uma festa em casa de amigos. Estavam em cima da hora porque o médico havia chegado mais tarde no consultório, e a consulta havia demorado mais que de costume. O pai, Sr. Ermenegildo do Amor Divino, já todo arrumado, desceu aqui no balcão muito aflito, porque sua bengala havia sumido. Falava angustiada que tinha talvez deixado no médico. Pediu que mandasse um mensageiro pegá-la a umas três quadras. Tentei acalmá-lo, aconselhando que procurasse melhor no quarto. Em pânico, disse que poderia cair e saiu pedindo a todos os funcionários que procurassem por todo o Hotel de France.

Foi uma verdadeira confusão. Parecia uma gincana veloz. Saí do balcão para tentar

conversar com calma e, então, verifiquei que tinha uma bengala pendurada junto ao seu terno escuro. Sendo tudo azul-marinheiro, mal se via a bengala. Perguntei se parecia com aquela que estava no seu braço. Ele não teve conversa. Vendo que era a própria, com um acesso de raiva, disse gritando que eu havia colocado a bengala ali, naquele momento e, muito agitado, arremessou-a na minha testa, completando que estava zombando dele. Fez um enorme galo. Só quando a dona Mirtes desceu, ela soube do ocorrido e acalmou o cidadão. Muito constrangida, pediu desculpas pelo que aconteceu.

— Coitado, Sr. Astrolábio. Apanhou de outras vezes? – perguntou Heitor indignado.

— Não, sempre fui muito hábil e até ganhei prêmios por ser cortês com todos os hóspedes, sem distinção. Mas quero contar uma de outra

hóspede que tinha muito medo de coisas estranhas. Ia saindo do quarto às sete da manhã para o café. Vislumbrou um carrinho de camareira, no fundo do corredor, andando sozinho. Saiu apavorada escada abaixo, imaginando que no corredor tinha almas do outro mundo. Desceu tão rápido que acabou caindo. Felizmente não se machucou. Um colega subiu com ela ao segundo pavimento. Ia muito apavorada, quase se arrastando. Verificaram que o carrinho estava sendo empurrado por dona Odaleia, uma eficiente camareira que por ser anã, dificilmente poderia ser vista a distância. Descobrimo que a alma era deste mundo, ela chorava e ria ao mesmo tempo.

— Eu também tenho medo de assombração. De escuro então, nem pensar – disse Heitor e completou — Mesmo assim gosto de ouvir essas histórias. Dá um arrepio!

— Lembrei-me de outra engraçada. Aqui se hospedaram algumas vezes, cantores e artistas de circo. O hotel até promovia jantares com espetáculos ao vivo. Ali embaixo no canto da sala, eles faziam suas peripécias. Um mágico indiano muito famoso fez uma ótima apresentação com sua mulher, belíssima e muito elegante. Ela ajudava e fazia também alguns números.



Como tinha crianças na plateia, ele caprichou nos coelhos saindo da cartola, lenços das caixinhas, moedas dos ouvidos da meninada, mulher cortada dentro de uma longa caixa e muitos outros de cartas de baralho. Enquanto ia fazendo os números, o jantar ia sendo servido pouco a pouco. Ao final, o mágico pediu que desligassem todas as luzes para o momento mais especial. Lembro que as mesas ainda estavam todas servidas com deliciosos quitutes. A orquestra que acompanhava os números, naquele momento, tocava algo de suspense.

A expectativa era grande, e no auge do som, as luzes foram acesas. Qual a surpresa de todos! Pratos, xícaras e pratinhos estavam vazios em todas as mesas. O mágico havia sumido com a mulher. Uns riam, outros estavam raivosos e pediam o dinheiro de volta. Quando tudo ainda estava bem tumultuado, com cenas bem engraçadas, a orquestra começou a tocar

suavemente, tentando acalmar os ânimos. Aumentando e aumentando, logo começou a tocar uma música de suspense, mais forte que da primeira vez. Os dois desaparecidos desceram de volta em uma corda daquele balcão ali. Ordenou que todos cobrissem as mesas com os guardanapos que entregaria. E assim foi feito. Depois de tudo coberto, a orquestra tocou a mil e as luzes foram novamente apagadas. Final, tirem os guardanapos vocês mesmos, sugeriu o mágico. Viva, estavam todas as delicias nos pratos. As crianças não queriam deixar o casal em paz. Como teriam feito aquilo?

— Essa eu gostei! Queria ter assistido. Deve ter sido muito engraçado ver as caras dos hóspedes sem os alimentos nas mesas – comentou Heitor.

— Outra vez foi um palhaço para crianças que tocava um animadíssimo acordeão, e elas pulavam e inventavam muitas histórias. No

meio do conto, tinha um saco de bonecas que iam compor os números. Cada criança tirava uma boneca do saco para ficar brincando com ela. No entanto, os nomes eram tão feios e as bonecas tão marmotosas que elas não sabiam se riam ou ficavam tristes. Astrogilda tinha a boca torta, Pancracia tinha o pescoço curto demais, Ambrizia tinha os cabelos laranja, Colapso tinha os dentes enormes, Maycom tinha as pernas tortas, Sextavado parecia um barril, e assim, sem opção as crianças iam retirando uma a uma, até a última, Tobiniana. Era tão pior que todas as outras que a menina soltou de volta dentro do saco. Redistribuídas, tudo terminou em festa e as crianças devolveram as pecinhas para o original saco, com a maior boa vontade.

— Nesta, vocês não vão acreditar. Certa feita, um rapaz que estudava ciências naturais quis se hospedar aqui. Porém, quando entrou em

contato para fazer a reserva, pediu para trazer um animal de estimação. Apesar da insistência, não podíamos aceitar animais, pois muitos hóspedes se incomodam com barulho, pelos, etc. Mas, por mais que eu advertisse o rapaz, não adiantou. Ao chegar, ele trazia uma caixa muito suspeita, que não soltava por nada. Pois no dia seguinte, quando cheguei para trabalhar o hotel estava um caos. Só se falava que um macaco tinha invadido a cozinha, mordido várias das comidas preparadas para serem servidas no café da manhã, o que atrasou todo o serviço do hotel. Alguns dos hóspedes relataram que só descobriram o macaco quando ele apareceu na grade do elevador. As senhoras estavam em polvorosa, fechadas em seus quartos ou empoleiradas nas cadeiras, balcões. Os cavalheiros e a equipe do hotel estavam todos à procura do animal, e ninguém sossegava enquanto ele não fosse

localizado. De repente, o tal macaco apareceu pendurado no lustre do saguão de entrada. O gerente do hotel gelou, pensando no prejuízo, caso o animal quebrasse os cristais do lustre. Constrangido pela confusão que causara, o rapaz fez um truque de adestramento e finalmente conseguiu atrair o tal do Tobias para sua caixa.

— Puxa, Sr. Astrolábio, o senhor poderia escrever um livro – comentou Lara.

— Um macaco de estimação, que sensacional! – falou Heitor, pensando em voz alta. — Será que se eu pedir um de natal o papai me dá? Ou talvez o vovô Olavo, que tem a mente mais aberta.

— Sério que você quer mesmo um macaco de estimação? De verdade?! Por que você não tenta um bichinho mais comum, como um hamster, um gato ou um cachorro?

— Nossa, falando em animais, lembrei-me de uma colega muito especial, a Safira. Ela andou trabalhando pela França e aprendeu a fazer bichinhos com as toalhas de rosto e banho. Quando hospedávamos crianças ou, por algum motivo, queríamos fazer uma recepção especial, encarregávamos a Safira de montar os bichinhos nos quartos. Precisavam ver a alegria dos hóspedes. As crianças, então, pediam aos pais para aprender a fazê-los. Até as gorjetas eram mais generosas. Precisavam ver como eram lindos os cachorrinhos, elefantes, coelhos, hamsters, macacos, etc. Uma artista fazendo delicadezas, a dona Safira.

— Nós ficaríamos aqui ouvindo suas histórias por horas. Mas agradecemos muito a sua gentileza, porque também precisamos ir para casa. Quem sabe em outro momento – disse Lara.

— Com prazer, quando quiserem.

Krenac ajudou o simpático Astrolábio a se dissolver na luz. A seguir, os três saíram da Associação Comercial sempre imaginando o charme daquele lugar quando era hotel. Lara chegava a se imaginar com aquelas roupas cheias de fitas e babados naquelas festas do hotel, justo naquele salão que acabavam de deixar.

— Acorda, Larinha, estamos indo para casa. Mas faço questão de ir ao vovô. Ele deve estar melhor da alergia e irá ouvir sobre nosso passeio com prazer.

— A vovó também.

— Claro, mana. Tchau, Krenac, foi ótimo voltar no tempo. Obrigado.



## CAPÍTULO 06

# UM DOCE PARA QUEM ADIVINHAR O QUE JÁ FUI

Segunda-feira, Heitor havia dormido no quarto de Lara. Estavam lendo com afincos trechos dos assuntos do dia seguinte. Já tarde, adormeceram. Heitor dormiu com um livro e um tablet na rede. Despertaram juntos com a presença de dois passarinhos pousados na janela do quarto. Foram ver de perto, mas eles voaram. Heitor tirou os objetos da rede rapidamente. Os pais não iriam gostar da marmota. Com razão, pensou ele.

Já no café, a conversa com o vô Olavo girou em torno da industrialização do Ceará, dos bondes, etc. Tudo a ver com o encontro do dia.

Depois do café, tomaram o caminho do metrô. A estação estava meio vazia. No entanto, os carros estavam bem ocupados com adolescentes fardados. Logo os dois estavam no carro no meio dos estudantes. Heitor pensou que talvez fosse um trabalho de férias, pois não havia aulas naquele período. O grupo fazia muito barulho. Diziam piadas e ensaiavam canções inventadas. As professoras tinham muito trabalho para conter os excessos. Mas de fato, foi um percurso bem divertido.

Desceram todos juntos. A quase folia continuou até o museu. Lara e Heitor encontraram o Krenac no pátio interno do edifício do Museu da Indústria, conforme combinado. Era um lugar bem agradável. Trocando ideias, resolveram ali mesmo acompanhar o grupo com o guia local. Seria uma experiência diferente, não falar e ouvir pessoas não trazidas por Krenac.

Todos na frente do edifício, os três invisíveis no meio do grupo, atentos às explicações. O grupo de estudantes estava quieto. Krenac piscou o olho para os dois, apreciando a postura nova dos estudantes.

A guia era uma jovem morena de olhos cor de mel, chamada Carina. Muito simpática e carismática, logo conquistou o grupo. Os adolescentes não despregavam os olhos dela. Logo no início, todos se apresentaram e ela fez um desafio. A pergunta era: Sou este edifício, um doce para quem adivinhar o que já fui. Vieram respostas as mais variadas. Um dizia: Sociedade União Cearense, um clube. Outro: Correios e Telégrafos. Mais um: Hotel do Norte. Outro sugeria: Companhia inglesa Ceará Tramway Light and Power Co. Ltda, responsável pelos serviços de eletricidade e bondes. E mais, Companhia de Eletricidade do Ceará – Coelce.

De fato, o prédio já havia sido utilizado para todas essas funções. Carina parabenizou a turma e mostrou os chocolates. Acrescentou que como o grupo acertou tudo, o museu iria providenciar um lanche no restaurante ali localizado, no final da visita. Na mesma oportunidade os chocolates seriam distribuídos para todos. E completou a fala dos alunos, dizendo que agora ali estava instalado o Museu da Indústria, com 2000 metros quadrados, após uma cuidadosa restauração, desde 2014. Seguindo para a frente do edifício, Carina iniciou as explicações:

— Vejam, esta notável construção da segunda metade do Século XIX, foi inicialmente utilizada como clube. Com espaços amplos e versáteis, tem dois pavimentos e apresenta estilo eclético. Seus elementos principais são: as fileiras de esquadrias com terminação em arco pleno ou de volta inteira, no alto e o término ou coroamento com cornija e platiban-

da. Se vocês prestarem atenção, acima da platibanda, na direção dos pilares, irão encontrar os pináculos.

— O que são pináculos mesmo, Carina?  
— perguntou uma jovem interessada.

Carina apontou para as peças torneadas implantadas no alto da platibanda. Lara e Heitor, invisíveis no meio dos estudantes, estavam bem tristes com o combinado. Por que aceitaram fazer aquele trato? Queriam mesmo era falar tudo aquilo com o Krenac. Iam dizer tudo certinho, com certeza. Mas, que fazer? Combinado estava.

Carina continuou seu discurso.

— O que está entalado ali?

— Ninguém Carina, a gente nem está comendo nada, o lanche não será servido somente no final? — respondeu um jovem da cabeça raspada.

— Eu falei o que, não quem. Olhem aqueles balcões de ferro fundido que nos protegem para não cairmos. Quando são no nível das paredes, chamam-se entalados. Eles não ficam sacados como a maioria. Deu para entender?

Alguns estudantes riram do nome, outros levantaram o polegar e um deles comentou:

— São também de ferro aquela grande peça do primeiro pavimento, no meio da fachada, que funciona como um grande balcão e aquele trecho no meio da.... esqueci Carina. Como é mesmo Carina? Você falou há pouco.

— Platibanda, Estevão. Muito bem, fez uma ótima observação – disse a guia olhando o nome do jovem na cartela da camisa. – Como sabia disso?

Ele respondeu:

— Meu pai trabalha com ferro e eu sempre pergunto sobre o assunto. E Carina continuou.

— Muito bem, a escada da entrada também é do mesmo material.

Dirigiram-se todos para a sala de entrada para ver aquela monumental escada.

— Todos estes elementos de ferro vinham da Europa. Como eram bem feitos e como resistiram ao tempo!! – completou Carina.

Lara e Heitor continuavam invisíveis e silenciosos. Mas, nem por isso menos atentos a observar tudo que dizia a guia. Krenac apreciava tudo. Era uma construção e tanto. Aquelas peças de ferro então, um primor, pareciam coisas do seu planeta.

O grupo entrou e a guia fez uma breve fala para, em seguida, deixar os estudantes descobrirem o restante por si mesmos.

— A exposição mostra, no início, telões com a história da indústria. Depois, em função das suas memórias, sigam linhas escolhi-

das por vocês. Seguindo suas próprias escolhas percorram as muitas histórias. O museu é voltado, sobretudo, para os operários, plantas das indústrias e tecnologia. No final, iremos expor o tema futuro da indústria. Até daqui a pouco.

Eles não sabiam que iriam fazer um pequeno trabalho de retorno na hora do lanche.

Os três visitantes invisíveis deixaram o grande grupo, lamentando por não irem fazer o lanche e ganhar os chocolates. Continuam a visita por conta própria, e Heitor, aliviado por poder falar, assume o lugar antes ocupado por Carina:

— Muito bom, mas vou falar um pouco, Krenac. Aqui estão mostrando sobre a industrialização no Ceará. Iniciou-se com os índios que já fabricavam redes e se alimentavam com produtos transformados que retiravam da natureza. No entanto, só no começo do século

XVIII, foram instaladas as primeiras indústrias das charqueadas que produziam a carne seca e o couro, a partir das criações de gado. Importante também foi a produção de açúcar, aguardente e rapadura, em decorrência das plantações da cana. Já terminando o século, época da Revolução Industrial na Inglaterra, foi a vez das plantações de algodão. Dos teares às máquinas chegamos à indústria têxtil.

— Muito bem, Heitor, você estudou tudo. Quanto a você, Lara, não fique triste. Temos muito ainda a aprender. De toda forma, foi uma visita ótima. A Carina parece bem interessante e os jovens atentos e educados. E eu tenho chocolates. Vamos para a praça saboreá-los – disse Krenac.

— Vamos sim, eu só queria completar falando algumas curiosidades dos serviços de iluminação e transporte público. Você ouviu, Krenac?

Por um tempo, aqui foi sede da empresa de iluminação e do serviço dos bondes, a inglesa que um dos estudantes mencionou.

—Boa ideia, mana – interrompeu Heitor.

— Heitor, deixe eu terminar – Lara continuou. - Então, em março de 1848, foi inaugurado o serviço de iluminação a óleo de peixe. Não faça essa cara de espanto, era isso mesmo. Sabe aqueles lampiões de cidade antiga, mais largos em cima que embaixo, com fundo e tampa de metal? Eles possuíam uma caixa de azeite, com pavio de algodão e para serem acesos, contavam com roldanas e cordas que os desciam no nível adequado para a operação.

— Isso seria impossível hoje. Como acender a cidade assim, lâmpada por lâmpada? – comentou Krenac.

— Mas naquele tempo eram só 44 lampiões, fixados em postes nas esquinas para ser-

virem a duas ruas. Depois, em 1866, a nova iluminação era a base de gás carbônico, a cargo da Ceará Gás Co. Ltda., que atendeu até 1835. Extraído do carvão de pedra, resultava numa iluminação bem melhor que a anterior. Em 1934, finalmente foi inaugurada a iluminação elétrica com fios – finalizou Lara, com a interrupção do Heitor.

— Ah, Larinha, deixe eu falar só uma frasezinha dos bondes...

— Vá, menino – disse sem a menor convicção.

— Só queria dizer que o transporte público nasceu com a Companhia Ferro-Carril, em 1877. Utilizava bondes de tração animal e começou a operar sobre os trilhos em 1880. Eram 25 bondes. Tinham cortinas para proteger do sol e da chuva. Dois burros de óculos de couro puxavam os bondes. Veja, Krenac, não acha

muito para os pobres burrinhos? Mas o pior é que usavam chicote quando achavam necessário. Coitadinhos. Certeza que naquele tempo não existia a Sociedade de Proteção aos Animais nem o Ibama e outras do gênero.

Krenac fez novamente uma cara de espanto e disse:

— Ainda bem que foi há muito tempo. De todo modo vocês acrescentaram fatos bem curiosos. Acho que nossa visita foi muito produtiva. Precisamos comemorar!

Os três se entreolharam felizes e foram comer chocolates no seu lugar predileto, já começando a planejar a próxima aventura. Será que o E.T estava gostando de Fortaleza?

## CAPÍTULO 07

# **FORTALEZA FORTE, DEFESA DA CIDADE**

Quarta-feira. Nesse dia, a visita excepcionalmente foi marcada para a tarde. Os três combinaram de ver o cair da tarde no baluarte do forte. Em lá chegando, nem pediram permissão na guarita. Eram invisíveis e passaram tranquilamente como donos da casa. Era um lugar importante, um dos pontos do nascimento de Fortaleza. Eles estavam curiosos para saber mais sobre o começo da cidade e Krenac tinha convidado alguém muito especial para contar a história.

De pronto foram ver o Martim Soares Moreno, na pracinha e o Krenac chamou-o para falar um pouco sobre o quartel e a cidade. O moço parecia cansado. Quem sabe marcas de

reminiscências de uma vida duríssima nos primeiros tempos da povoação. No entanto, não se fez de rogado e iniciou seu relato.

Depois das apresentações de praxe, ele logo perguntou se o Krenac estava participando de alguma invasão. Riram muito e ele ficou mais tranquilo.

— Gostaria de contar um pouco da história da cidade. Tudo começou pelos fortes de São Tiago e depois o de São Sebastião, ambos na Barra do Ceará. O primeiro foi abandonado por causa da seca. O segundo atacado pelos holandeses e depois destruído pelos índios. Já em 1649, os holandeses voltaram e construíram o forte de Schoonenborch, à margem do riacho Pajeú. Em 1654, os portugueses tomaram o forte que passou a ser de Nossa Senhora da Assunção. Por ordem régia, foi até criada uma vila sem local certo. Houve disputas

de sediá-la também em Aquiraz. Problemas de embates graves com os índios fizeram com que a sede ficasse no local da fortaleza. Acharam o lugar perfeito para a povoação, mesmo porque era elevado, bom para defesa. Até criaram oficialmente uma vila novamente, em 13 de abril de 1726, naquela área da fortaleza. Veja, aqui ficava, então, o núcleo inicial da cidade. E aponta para a atual Praça da Sé. Era a praça principal, chamada do Conselho.

Krenac pediu desculpas e interrompeu pedindo para materializar a antiga praça, pois os dois que estavam com ele iriam adorar.

— Como assim? – interrogou Soares Moreno.

— Isso mesmo, imagine a antiga praça com todos os seus contornos, feche os olhos e traremos ela de volta. Eu captarei as imagens da sua cabeça. Mas lembre com exatidão, pode ser?



EXÉRCITO BRASILEIRO

COMANDO DA  
10ª REGIÃO MILITAR

Que experiência incrível! Moreno concordou, fechou os olhos e lembrou direitinho das imagens. E assim foi executado. Num feito extraordinário, os quatro entraram na praça e puderam ouvir e ver cada detalhe do lugar. Estavam meio tontos, até se sentirem confortáveis e compartilharem a fala do Moreno. E o relator continuou:

— Vejam as peças mais importantes e visíveis em meio às simples residências. A câmara com o pelourinho, o poder civil, o forte com a forca, o poder militar português e a igreja, o poder religioso. Por trás, podem encontrar outros prédios e instituições.

Os adolescentes não conseguiam acreditar no que estavam vivenciando. Entraram na praça e percorreram aquelas ruazinhas vendo todos os detalhes da vila de 1726. Como tudo havia mudado! Era um sonho? Não, era um

milagre que havia sido promovido pelo amigo Krenac. Ambos pensavam no avô, no papai, na mamãe. Eles adorariam estar ali!

— Não tem piso, só um areal – diz Heitor.

— A maioria das casas é coberta de palha - completou Lara – tudo bem simples neste início de nossa cidade – acrescentou.

Os dois adolescentes foram andando e tocaram nas palmeiras e nas árvores que encontraram. Seguiram até a forca para mostrar ao Krenac o lugar onde executavam os condenados à morte. Saíram dali rapidamente e foram até o riacho Pajeú com suas águas límpidas. Viram o mar pouco mais à frente.

Os quatro visitantes foram saindo da praça antiga quando Krenac fez um comentário:

— Este forte era muito pequeno e precário para dar conta de invasores europeus e até de grupos indígenas.

Caminharam devagar envolvidos em seus pensamentos. E Soares Moreno completou sua fala:

— O forte tirado dos holandeses, em 1654, era de uma simplicidade total, troncos de madeira e terra. Já dos portugueses, fizeram uma capela, a primeira da cidade e frequentada por todos os 200 habitantes do lugar. No século XVIII, a construção já era de pedra e cal. Em 1800, tinha mais de 1000 m<sup>2</sup> e era guarnecido de canhões de bronze e ferro. No entanto, as condições do destacamento eram precárias. Previsto para ter 4 baluartes, mas só teve 2 construídos, o Nossa Senhora da Assunção e o Dom João VI, ambos voltados para o norte. Esta construção de dois pavimentos não é Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção e sim o quartel construído pela direção de obras públicas da cidade, cujo titular, Adolfo Herbster, realizou em 1857. Claro que com várias alterações por todos esses anos. Quero finalizar contando sobre uma retumban-

te festa pelo aniversário do Príncipe Real, futuro Imperador do Brasil, D. Pedro I, em 1817, no baluarte da Santa. Foi o mais antigo evento social da vila e teve música, desfiles, fogos e farta comida.

Cansado de tanta exposição, o próprio Soares pediu ajuda a Krenac para ir embora. E assim, depois de receber os devidos agradecimentos, o bravo foi desaparecendo devagarinho.

— Krenac, que experiência fantástica caminhar na vila antiga. Obrigada amigo, nós lhe agradecemos muito – disse Lara, de modo muito comovida.

— Acho que essa foi minha visita favorita, que incrível!

Heitor era pura empolgação e além de agradecer ao amigo extraterrestre, ainda fez uma sugestão inusitada:

— Krenac, eu sou apaixonado por história, você sabe, mas ter a oportunidade de ver as coisas assim é surreal. Acho que você e seus colegas de planeta deveriam era dar aula lá no colégio! Todo mundo ia amar a matéria e podiam aprender com o passado de um jeito mais eficaz para não repetir as mesmas besteiras no presente. Acho que estamos aprendendo mais com você do que ensinando alguma coisa.

Lara e Krenac riram da ideia de ter o ET como professor. Lara imaginou a cara da diretora topando com aquele serzinho lilás de cabelos coloridos e brilhantes. Ia ser um deus nos acuda!

Finalmente, os três não viam a hora de olhar o mar e o sol indo embora. As luzes se mostram de múltiplas cores naquele momento. É tudo muito bonito e muda pouco a pouco. Parecia um caleidoscópio da natureza.

Um tempo de silêncio e o E.T. decidiu falar um pouco com os adolescentes. Ele parecia um bocado triste.

— Aqui neste baluarte Nossa Senhora da Assunção, olhando para o passado e sonhando com o futuro, fico me lembrando de um artigo do Papa Francisco, onde ele diz que estamos vivendo a terceira guerra aos bocadinhos. Ele sempre apela para que se utilize os canais diplomáticos. E tem toda razão. Na época dessas construções os conflitos eram localizados e as mortes em número bem menor do que nos de hoje. Os resultados da ganância de bens materiais, a luta pelo poder e os interesses escusos estão por toda parte. As disparidades de condições dos homens são também o resultado dessas estúpidas ideias e ações. É preciso lutar pelo diálogo e pela fraternidade. O resultado beneficiará a todos do planeta.

— Você também é um sábio, Krenac. O Heitor e eu esperamos de coração conseguir fazer alguma coisa por um mundo mais humano. Lutaremos por isso e esperamos que possa nos ajudar nesta meta. Conversaremos mais concretamente no momento oportuno. De toda forma, já estamos iniciando um caminho.

— Vamos indo, Krenac. Temos muito a pesquisar para continuar nossa missão – falou Lara.

Os três apertaram as mãos numa espécie de pacto e foram embora, guardando a imagem da fortaleza e do mar infinito.



## CAPÍTULO 08

# A MAIOR IGREJA DE TODAS

Na véspera da ida à catedral, os dois adolescentes tiveram algumas conversas tanto com a mãe como com o avô. A visita ao monumento era mais complicada que as outras. Ana Maria mostrou dados bem interessantes sobre a arquitetura românica e gótica na Europa. O avô conversou sobre as reformas e os vitrais. Afinal, decidiram por segurança levar algumas informações armazenadas no tablet. Ana Maria não conseguia entender aquele interesse cada dia mais evidente dos seus filhos. Eles despistavam dizendo que queriam ser melhores nessas matérias. Ela não estava muito convencida, mas não ia negar dados dos assuntos que mais gostava. Ainda mais para seus dois filhotes.

No dia combinado, sábado, os dois irmãos saíram bem cedo, utilizando o sistema do rodízio de bicicletas disponíveis nas estações da cidade, para encontrar Krenac às 11h, em frente à catedral. Desceram na Praça do Ferreira para merendar caldo de cana com dois pastéis. Não poderiam dispensar a parada na Leão do Sul. Na sequência seguiram pedalando para a catedral, pois gostavam de cumprir horários combinados. De longe viram Krenac, que era visível apenas para eles. Ao se aproximarem, os dois ficaram também no campo invisível.

Cumprimentaram-se, pararam um tempo na frente da igreja e Heitor iniciou suas explicações:

— Veja esta igreja. É a terceira que foi construída neste lugar. A decisão de destruir a catedral anterior, em 1939, provocou muita

polêmica. Acabou demolida com a justificativa de que tinha rachaduras na base. A anterior, Matriz de São José, havia sobrevivido de 1795 a 1821, já em ruínas nessa altura. Na nossa terra as pessoas incultas gostam de modernizar as construções da cidade e ignoram completamente o valor histórico desses lugares. Depois acham muito lindo o que está preservado no exterior. Lamentável, pois perdemos coisas bem interessantes, Krenac.

— Hum... não parece legal para a cidade. Ponto negativo – retrucou Krenac.

— Num é?! – exclamou Heitor, que continua a exposição — Pois bem, com projeto do arquiteto francês, Georges Mounier, demorou mais de trinta anos para ficar pronta. Quatro bispos, Dom Manuel, Dom Lustosa, Dom Delgado e Dom Aloísio Lorscheider foram grandes incentivadores da obra. Eis o

resultado de 39 anos de trabalhos, com inauguração em 22 de dezembro de 1978.

— Nossa, quanto tempo demora uma construção aqui! De onde eu venho ficaria pronta muito mais rápido – interrompeu o E.T.

— É verdade, mas nem sempre. Esta dependeu de muitos donativos.

— Agora é comigo, Heitor – pediu a palavra a irmã, que queria falar um pouco sobre a arquitetura – a proposta misturou elementos da arte gótica e românica. Estas escolas de arte, expressas nas arquiteturas de séculos atrás, já se encontravam distantes no tempo. Elas foram desenvolvidas com maestria entre os séculos IX, X, XI e XV na Europa.

— E o que quer dizer com isso?

— Sabe Krenac, a gente, humano, se expressa em muitas formas de arte. Pintura, li-

teratura, escultura, arquitetura, cinema, etc. Na medida em que o tempo vai passando, são desenvolvidas novas ideias, conceitos, tecnologias e materiais variados são descobertos. A arte acaba sendo produzida de modos bem diferentes dos anteriores. Quando eles copiam obras já feitas, repetem o que já foi realizado, o que não revela nenhum mérito. Pior ainda quando fazem adaptações nem sempre bem-sucedidas! – falou a jovem.

Heitor sugeriu que compare a catedral e as antigas como mamãe explicara.

— Ok, vou acrescentar uns detalhes técnicos. Esta Catedral foi pensada para imitar as góticas e românicas francesas, mas apresenta paredes de alvenaria como seu material principal. As francesas eram de pedra. Essa característica produz uma diferença enorme no todo e, em especial, entre os contrastes al-

venarias versus vitrais e pedras versus vitrais. De resto, todos os demais elementos aparecem muito misturados em comparação às que serviram de modelo.

Enquanto Lara ia explicando as características da catedral com tanta propriedade, Krenac não piscava os olhos.

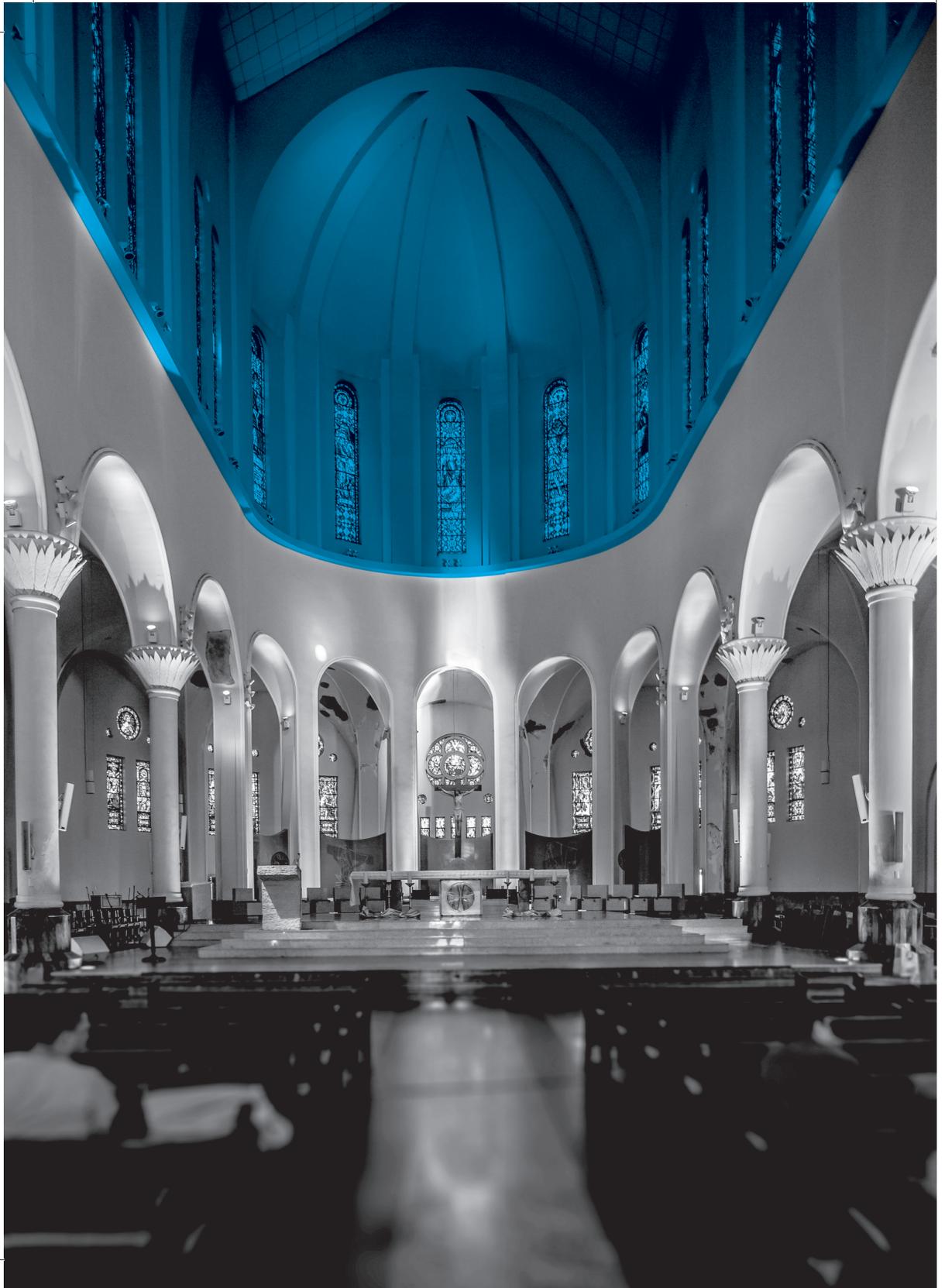
— Se vocês notarem – prosseguiu Lara – na fachada principal, a portada central e as laterais são escalonadas, como uns degraus em pé. Assim se fazia nas igrejas góticas, para dar efeito de perspectiva. No entanto, os arcos são em quase meio círculo, como nas românicas. Os outros vãos ou aberturas, perceba, são quase todos assim. Olhando em volta, por fora, os vãos apresentam tanto arcos românicos como arcos góticos, esses, mais pontudos. Esse jeitão mais vertical, com torres em formato de pirâmide e vitrais, incluindo esses vitrais redondos, chamadas rosáceas, são típicos da arquitetura gótica.

— Como você sabe todos esses detalhes? – Heitor estava boquiaberto.

— Muito fácil. É minha fase favorita da arquitetura. Tem mais. Por causa da altura dessas paredes enormes, além do peso dos vitrais, elas precisam de reforço para ficar de pé! Aí entram esses pilares altíssimos, e esses arcos de fora.

Krenac estava encantado com o conhecimento dos irmãos. Depois de arrodarem a Igreja, constatando essas peculiaridades todas, era hora de entrar no templo. Neste momento, com certo ciúminho da irmã, Heitor tomou logo à frente e desatou a falar:

— O espaço das naves, principal e laterais, formam o desenho de uma cruz latina final arredondado. Olhe, aqui dentro tem mais arcos românicos. Quer saber de uma curiosidade bacana que minha irmã não contou? As igrejas medievais eram lotadas de imagens, estátuas e vitrais, tudo com o objetivo de ensinar as pesso-



as sobre as coisas da religião, porque na época medieval pouca gente sabia ler. Agora a gente sabe ler, mas ainda assim acho os vitrais muito bonitos. Salvo engano, aqui tem cem deles.

Lara deu uma leve tossida para interromper o irmão, aproveitando para corrigi-lo:

— Cento e quinze, pode contar – disse a adolescente com um ar desafiador – é praticamente uma bíblia de vidro, construída para caber cinco mil almas. Só tinha um problema. Ninguém ouvia direito o que o padre falava. Meu pai contou que em 2004 houve uma grande reforma na igreja. Vários especialistas em acústica da Universidade de Campinas fizeram um verdadeiro milagre com umas placas especiais no teto. Hoje podemos ouvir as celebrações bem direitinho.

— Bíblia de vidro e colorida – interrompeu Heitor, querendo dar a última palavra.

Krenac, que ficara em silêncio, quase que o tempo todo, aproveitou a deixa e fez um convite aos seus guias, num tom de voz divertido e levemente misterioso:

— Sabem, amigos, vocês já haviam me dito que os vitrais desta catedral são uma forma de contar histórias, por isso trazem pessoas e personagens reais e imaginários desde a criação do mundo aos profetas, juízes, mártires, apóstolos, doutores, santos e também mulheres da Bíblia. Fiquei intrigado. Que tal uma olhadinha de perto? Quem sabe as surpresas que esses vitrais antigos guardam para nós.

— Esqueceu as cenas do evangelho, símbolos e anjos, muitos anjos – emendou Lara.

Heitor, que não deixava nada escapar, perguntou logo a Krenac exatamente que surpresas ele tinha em mente e, mais uma vez, seu novo amigo extraterrestre não o desapontou.

— E então, surpresa! Creio que todas essas criaturas estão cansadas de ficar aí paradas por tantos anos, sem falar com ninguém. Tantos visitam esta igreja todos os dias. Podemos pedir ajuda a alguns deles. Quem sabe um dos estudiosos do cristianismo.

— Santo Agostinho! – disseram os dois em tom eufórico.

— Aqui por baixo nada do bispo, nascido em Hipona, no norte da África. – falou Heitor, querendo mostrar conhecimento – podíamos sair voando para procurar né? – pediu virando-se para Krenac com um olhar de cachorro que caiu da mudança.

— Ok, amigos, vamos voar em busca do santo.

— Vejam, lá na parte alta das paredes do altar-mor, do lado esquerdo – apontou Lara.

Encontram Santo Agostinho, solenemente vestido de bispo, com um manto e uma estola amarela, meio dourada. Na mão direita segurava um coração e na esquerda um báculo, típica de bispo. Sem perder tempo, Krenac mentalizou a imagem despertando, e esfregando as mãos, estalou os dedos, como se transferisse um tipo de energia vital à imagem, que acordou lentamente, espreguiçando-se.

— Bom dia Santo Agostinho, bem-vindo ao século XXI! Somos Lara, Heitor e Krenac. Desculpe incomodar o seu descanso, é que estamos passeando pelo centro de Fortaleza, e paramos aqui na Catedral. Sabendo que o senhor é um doutor da igreja, será que poderia nos dar algumas informações para tornar a visita mais rica? – interrogou Krenac.

Lara e Heitor, ao ver o bispo acordado, inclinaram-se para beijar-lhe o anel. Por prudência, Krenac imitou o gesto, e indagou:

— O senhor deve conhecer muito bem a Bíblia – afirmou Krenac, deixando o santo envaidecido.

— Bom dia, jovens. Primeiro, gostaria de agradecer a oportunidade. Estava exausto de permanecer nesse estado contemplativo, sem poder interagir. E aqui ninguém me pergunta nada! Tenho descansado de dia e dormido noites e noites por décadas. Eu, tão estudioso e atuante na igreja, encontro-me aqui como um elemento decorativo.

— Pois então, esta fase terminou. Agradecemos muito sua ajuda, sobretudo por conhecermos sua sabedoria e competência.

Mamãe sempre cita sua frase: “A verdadeira medida do amor é não ter medida” – disse Lara.

Após o comentário, todos voltaram seus olhares para Santo Agostinho, que começou a divagar sobre aspectos internos da arquitetura da Igreja:



— Vocês notaram que os tetos das naves laterais, parte do transepto e o deambulatório, aquela parte arredondada da ponta menor da cruz, são cobertos com abóbadas de berço cruzadas, ou seja, abóbadas de arestas. Formam nervuras nos seus cruzamentos. Nas igrejas góticas, esses elementos têm arcos alteados, verticalizando mais ainda o espaço. Mas vou lhes contar uma coisa, as catedrais francesas são muito mais ricas. Lá, as abóbadas de aresta têm nervuras múltiplas e chaves bem trabalhadas no encontro. Nas fachadas há muitas esculturas longilíneas nas portadas e no alto umas gárgulas que são uns monstros com as bocas abertas, por onde saem as águas dos telhados. Elas também espantam os maus espíritos.

— Gostei dessa de espantar os maus espíritos. Quero uma gárgula. – falou Heitor pensando em como pediria uma ao pai. Quem sabe no Natal.

Os três ouvintes se entreolharam e riram. Então, como se lesse o pensamento dos adolescentes, Krenac começou a tomar notas mentais do que dizia o palestrante, que continuava a falar, sem ter notado o movimento.

— Nas góticas, no meio, as flechas dos telhados parecem agulhas, altíssimas, que querem alcançar o céu. Na nossa catedral, as torres são cobertas com algo que tenta imitar as agulhas, mas são bem nas torres da frente. Lembro-me também dos tímpanos, espaço acima das portadas, repletos de esculturas. A mistura de estilos desta catedral não foi muito bem-sucedida, se querem saber a minha opinião. Mas, recentemente, acrescentaram alguns detalhes para melhorar a parte interna. Não é que melhorou mesmo?! Vejam estes anteparos verdes e que dão realce a pia batismal, ao altar de São José, Nossa Senhora e o maior de todos que contorna o altar-mor. Uns

têm delicados desenhos riscando as placas, outros têm placas metálicas sobrepostas também com desenhos. Todos apresentam símbolos ou passagens das vidas dos já citados.

— Minha mãe adora estes desenhos – disse Heitor, cortando a fala do santo. Santo Agostinho lançou-lhe um olhar ríspido pela interrupção, e prosseguiu:

— Finalmente, deem uma observada no alto das colunas. Os capitéis, antes muito sem graça, foram superpostos por estas palmas que também deram um toque mais estético. Nas igrejas góticas e românicas os capitéis são muito variados e curiosos. Tem animais, figuras humanas, vegetais e desenhos geométricos.

— São o máximo, vi várias fotos – exclamou Heitor, se calando rapidamente, sem dar tempo de que o santo lhe repreendesse pela nova interrupção.

Santo Agostinho retomou a palavra, elevando um pouco a voz e falando com um ar levemente mais pomposo.

— Mudando de tema, vou falar de vitrais, em geral, que é um assunto de minha predileção. Primeiramente, para obter estas maravilhosas peças, fabrica-se o vidro, corta-se, pinta-se, recoze-se e fixa-se cuidadosamente nas estruturas de chumbo. Mas o que eu quero mesmo dizer é que eles não são somente janelas fixadas nestas sólidas paredes. Há um sentido profundo na sua claridade. Elas expressam um ideal ou um conjunto de ideias. Saibam que após a minha passagem pelo seu planeta, a luz tornou-se um elemento essencial da beleza; ela é a beleza absoluta.

Em meio a uma pausa do santo, Lara aproveitou para dizer:

— Falou bonito, Santo Agostinho! Ele retomou com um leve sorriso.

— E mais, a luz é a manifestação mais clara de Deus, no mundo físico, simbolicamente é Deus. Vocês conhecem o que disse Santo Ambrósio? Que o Pai é luz, o Filho é luz e o Espírito Santo é luz. E ainda, essas janelas de vidro por onde a claridade do sol passa significam as sagradas escrituras que iluminam os fiéis, entrando em seus corações e retirando-lhes o mal. Claridade do verdadeiro sol, de Deus, dentro da igreja. Entendam, portanto, o sentido sagrado dos vitrais sob a sua iluminação quase imaterial. Compara-se também o efeito do vidro colorido e translúcido com as pedras preciosas. Por exemplo, o peitoral do sacerdote Arão possui 12 pedras que simbolizam os doze profetas ou os doze apóstolos. Percebam, afinal, o mistério do material translúcido. Um penetra no outro sem destruir, sem quebrar, sem perfurar.

Krenac, escutando maravilhado a fala do Santo, fitou os vitrais no seu entorno. Lara e Heitor, meio boquiabertos, olham as luzes

coloridas e seus efeitos. Ao meio-dia, a luz do sol penetrava intensamente e eles nunca haviam prestado atenção daquela forma. Sentiam vontade de passar horas ali, desvendando o mistério daquelas figuras e cenas. Adivinhando a intenção daquele trio, Santo Agostinho indagou:

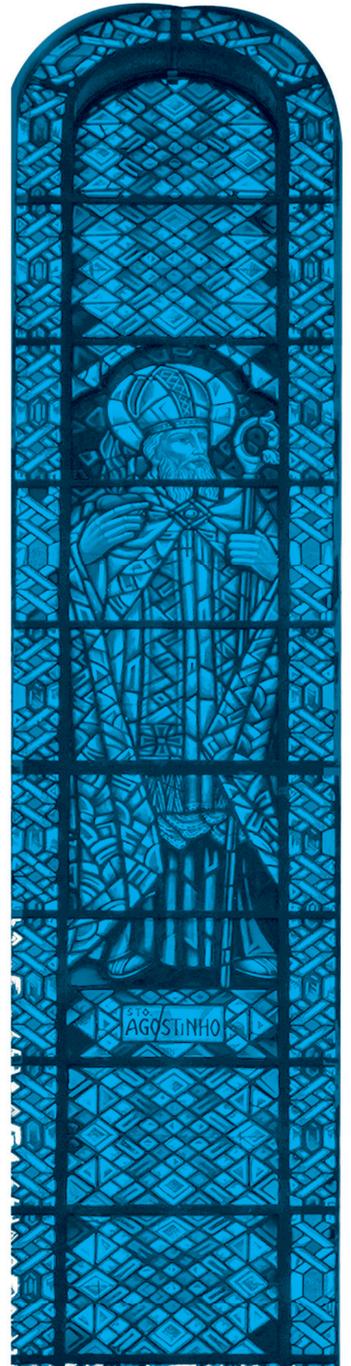
— Se me permite uma sugestão, creio que meus vizinhos à esquerda, Bento e Francisco seriam receptivos a uma visita.

— Por quê? – interrogou de pronto Heitor.

— É que à noite trocamos algumas ideias e eles trabalharam muito em sua passagem pelo planeta Terra. Agora, imóveis como eu, certamente gostariam de ser solicitados para sair desta janelinha e transmitir um pouco do muito que sabem. E ainda mais, vendo que tem um grupo tão heterogêneo – disse Santo Agostinho, observando pela primeira vez com atenção e estranheza a figura de Krenac.

— Não seja por isso. Agradecemos sua acolhida e ensinamentos e garantimos todo o esforço para praticar a frase preferida da nossa mãe. Podemos retornar e falar com o senhor? – perguntou Lara, em tom de despedida.

— As portas da casa do Senhor sempre estarão abertas aos corações que o procuram. E, ao que tudo indica, não vou a lugar algum. Então, suponho que sim, será um deleite.



## CAPÍTULO 09

# HISTÓRIAS QUE OS VITRAIS NÃO MOSTRAM

Os três voaram um pouco, só para curtir as luzes dos vitrais e se voltam para a janela de São Bento, bem ao lado da anterior, tentando iniciar mais um bate-papo. Krenac usou de seus artifícios para despertar o morador da janela, enquanto um ansioso Heitor já ia introduzindo o grupo e dizendo a que vem:

— São Bento, bom dia. Lara, Krenac e eu estamos fazendo um passeio cultural no centro de Fortaleza. Minha irmã e eu estivemos várias vezes nesta igreja com minha mãe. Ela sabe muito sobre arte. Hoje, no entanto, com os poderes de nosso amigo E.T., descobrimos que podemos conversar com quem escolhermos. Poderia nos falar um pouco de sua vida,

suas ideias? Minha mãe adora assistir missas nas igrejas dos mosteiros de São Bento. Além dos espaços, ela curte os cantos gregorianos, as pregações, os pães e bolos. Como estudam e falam bem os monges!

— Claro, meus filhos - respondeu o santo, saindo da imobilidade, ao toque mágico de Krenac. Esticou os braços, mexeu as pernas e continuou:

— Que curioso, nunca falei com um E.T. antes. Você vem de onde mesmo?

Krenac explicou rapidamente um pouco sobre si e sua terra natal, mas logo devolveu a palavra ao santo, que passou a contar sua própria vida.

— Pois bem, vamos ao que perguntaram. Nasci em Nórcia, centro da Itália, fui estudar em Roma no ano 500, fui morar numa caverna.

A fisionomia de assombro do Heitor fez o santo parar um pouco. E foi falando:

— Isso, meu filho, não se espante. Eram mesmo muitas as dificuldades. Além de ficar diversas vezes com fome e frio, era incomodado por malfeitores que circulavam por lá. Até que senti que tinha vocação para a liderança e deixei a caverna. Comecei a administrar pequenos mosteiros. Chegaram a dez unidades, com doze monges cada. Eu gostava de trocar ideias com minha irmã gêmea, Escolástica, que também administrava um convento por perto.

— Eu também gosto de ter minha irmã por perto – disse Heitor, encabulado, mas cheio de convicção.

— Continuando, nossa ordem preferia contar com um abade firme, preferencialmente eleito pelos colegas. Não admitia a propriedade privada e os monges deviam

estar sempre em silêncio, inclusive na hora das refeições, quando ouviam a leitura das escrituras. À porta dos mosteiros, havia sempre um monge plantonista para atender peregrinos que podiam chegar, inclusive à noite. Quando era um servo da fé, o abade se juntava a outros para lavar-lhes os pés. Era um gesto de humildade.

Agora a carinha de espanto era da Lara, que não se conteve e interrompeu:

— Desculpe, como assim, lavavam os pés dos colegas de fé?

— Sim, Lara. Naquele tempo, eram muito longas as caminhadas e a poeira deixava os pés sujos e bem cansados. Assim, além de um ato de humildade com o irmão, era muito reconfortante aliviar essa situação com uma boa lavagem – esclareceu Bento com ar de satisfação – continuando, até o ano 1100, os monges faziam

também muitas cirurgias. Fundaram hospitais, enfermarias e cultivaram ervas medicinais. Por isso, eram os cuidadores da saúde dos que moravam em torno dos mosteiros. E mais, nossos mosteiros expandiram-se por muitos países. Tornaram-se muitos poderosos na Alemanha, França e Holanda. Imaginem que das dezesse- te catedrais que existiam na Inglaterra, na Idade Média, sete estavam com nossa ordem. Vocês já ouviram falar na abadia de Westminster? Nela, ainda hoje, são coroados os monarcas ingleses. Vocês devem ter visto na TV. Era beneditina.

Os dois nem piscavam os olhos. Krenac interveio:

— Quanta coisa interessante nos contou! Agradecemos a sua atenção, e parabéns pelo trabalho humanitário. Foram de grande relevância. Agora – disse Krenac, voltando-se para seus companheiros – percebi que Francisco,

vizinho de Bento, deu uma piscada de olho. Talvez, ao acordar Bento, tenha extrapolado na dose e o atingido com minha energia.

Nestes termos, após os agradecimentos, Bento se despediu e desejou a Krenac uma boa estadia no planeta.

— Bom dia, São Francisco. O senhor é inconfundível, com este cordão na cintura, plantinha na mão e estes dois pássaros, um bem fofo no ombro – disse Lara, estupefata por estar falando com ele. Os outros repetiram o cumprimento.

— Bom dia! Eu que agradeço a sorte de alguém me tirar deste marasmo. Estou cheio de dores de não me movimentar. Como posso lhes servir? O que desejam?

— Santinho de Assis, o senhor é demais! Pode me ensinar a falar com os animais? Não vale papagaio – pediu Heitor em êxtase – aí

depois o senhor conta pra gente um pouco sobre suas ideias e sua vida. Nada como ouvir da fonte original. Embora já saibamos de algumas informações, coisas que aprendemos no catecismo, nosso amigo Krenac não sabe nada. De fato, está muito curioso com sua popularidade.

Com um sorriso gentil e amoroso, Francisco riu suavemente do pedido do menino, que o encarava ansioso pelas respostas:

— Fico feliz por compartilhar, vamos lá. Nasci em Assis, acho que em 1181. Meu pai era um rico comerciante de tecidos e minha mãe era francesa. Eu me portava de forma bem diferente dos outros jovens. Ficava bem feliz por beijar os doentes de lepra, com um aspecto terrível, enquanto a maioria das pessoas fugia deles. Acreditando que Cristo falava comigo, tive várias inspirações. Numa delas devia deixar tudo, sem levar nada para me dedicar somente às pregações. Muitos me seguiram e, em uma

década, éramos mais de dois mil, e tudo sem nenhuma das tecnologias que vocês têm hoje. Depois de algumas décadas trinta e nove mil. Chamavam-nos frades. Eu orientava que deveríamos ser pobres de bens e ricos de virtudes. Tive uma grande amiga, Clara, que acabou por fundar uma ordem. Era tão sóbria que dormia numa cama de galhos de videira com travesseiro de pedra e ainda jejuava três vezes por semana.

Lara não se conteve e comentou:

— Não sei como o senhor ou ela não ficaram doentes.

— Em parte, creio que tínhamos a proteção divina para executar nossa missão. Mas sim, Lara, você está certa. Chegou num ponto em que Clara adoeceu e teve que reduzir os sacrifícios que se impunha – disse Francisco com uma expressão preocupada, mas logo suavizou as linhas do rosto e retomou o diálogo dirigindo-se a

Heitor – Jovem rapaz, com relação aos animais, sempre tive uma predileção especial pelos pássaros. Sobretudo as cotovias de cor parda. Elas são alegres e frugais. Correm felizes nas estradas, comendo os grãos deixados nos excrementos dos bois, cavalos e burros. Foram mestras da humildade para mim e eu as amava muito! Conversávamos pelo coração, nossa linguagem maior é o amor, nunca se esqueçam disso.

Heitor não parecia muito satisfeito com a resposta, ele amava seus bichinhos de estimação e nem por isso entendia com precisão cada som que emitiam. De toda forma, tratou do assunto como superado e perguntou pelos milagres que ouvira falar.

— Você está correto, fiz também alguns milagres. Entre eles, amansei um lobo que estava apavorando uma cidade. Fiz um pacto com ele, apertando-lhe a pata. E ele cumpriu direitinho

e não perturbou mais as pessoas daquele lugar. Mas não tente reproduzir em casa, por favor.

Desta vez foi Lara que interrompeu:

— Não teve medo dele atacar você?

— Não – disse o santo de forma displacente – nós, os primeiros franciscanos, consideramos que os animais podem se organizar quando tocados pelo Espírito Santo. Vocês até podem encontrar obras de arte em Florença e em Londres que me representam, falando com os pássaros e com o lobo. São nossos irmãos.

— Estou achando este papo de todos irmãos muito bacana. Mas venha cá, alguém escuta e entende? Porque o planeta de vocês está a pedir socorro por inúmeros motivos. Animais e plantas em extinção, aos milhares.

— Isso mesmo, Krenac. É preciso rever os

valores. Mas os homens saem dos seus caminhos com muita facilidade. Eu deixei a terra aos quarenta e poucos anos e me prestaram homenagens que nunca pedi. A ordem que fundei se espalhou por muitos países. Com mais ou menos dificuldades, algumas tiveram enorme sucesso. No entanto, meu temor de que o aprendizado, os livros e os manuscritos incentivassem o orgulho, acabou por se concretizar e nos distanciar dos propósitos que imaginei no início. Universidades foram criadas, amigos trouxeram fartas doações e chegamos a ter cardeais e papas. A ordem, que acabou proprietária de casas, conventos, orfanatos, escolas, asilos e igrejas, tornou-se rica e poderosa. Muitas decepções, meus jovens! O que ainda me conforta é o despertar para a preservação da natureza que pouco a pouco está sensibilizando os povos. Contem comigo, se puder ajudar.

— Puxa, que impressionante esta conversa. Eu não vou conseguir pregar o olho. São muitas revelações. Não acha, Heitor?

— Sim, maninha. Minha cabeça ferve, meu coração está muito tocado.

— Vocês conhecem o profeta Daniel? Ele tem ótimas histórias, se vocês tiverem um tempinho, recomendo a conversa – sugere Francisco.

O trio agradece voa em direção ao vitral de Daniel, ali na parte alta da nave, à esquerda, como apontou Lara. Sua mãe havia mostrado o profeta acompanhado de dois leões em uma das visitas ao templo. Flutuando defronte da imagem, Heitor pergunta, com a voz apreensiva:

— Os leões também vão se mexer? Vão urrar? Morder a gente?

— Calma, estarão sob nosso controle. Como

quiserem, assim o farei. Vamos começar cumprimentando o profeta.

— Bom dia, profeta Daniel – disseram em coro.

— Bom dia, quem são vocês?

— Somos Lara, Heitor e Krenac. Gostaríamos de ouvir sobre sua vida. Pode nos dar um pouco do seu tempo?

— Sim, com prazer. Mas vocês não trazem nenhum leão, não é? Eu já tenho que controlar estes dois.

— Não trazemos nenhum animal. Só nossa vontade de conhecer melhor a catedral e seus habitantes tão curiosos. O senhor pode conversar um pouco?

— Bom, estávamos por volta do ano 500 antes de Cristo, quando viveu o rei Dario, dono de grandes extensões de terra. Tinha muitos auxi-

liares para ajudá-lo a cuidar de tudo. Entre os três assessores diretos estava eu, que acabei provocando ciúmes em muitos dos mais distantes. Não preciso dizer que era o predileto e corriam boatos que eu poderia até sucedê-lo. Assim, o grupo dos descontentes influenciou o rei Dario a inventar uma lei que proibisse a oração em todos os seus domínios. E pior, quem desobedecesse seria jogado na cova dos leões. Eu, sempre muito devoto, continuei a fazer minhas orações. Delatores felizes viram seus planos bem encaminhados e contaram. E lá fui eu jogado na cova dos leões, selando a entrada para não poder escapar. Pensem numas caras assustadoras. Agressivos e famintos, prontos para me devorar. Que situação! Meus amigos, o rei ficou tão perturbado que nem comia nem dormia pensando no seu fiel servo. E torcia para que a minha fé me salvasse das feras.

Como que para dar mais veracidade aos relatos, os leões da imagem começaram a se

mexer, vagorosamente, mas de modo perceptível. Vendo o movimento, Lara e Heitor não sabiam para onde olhar; se para o profeta, para Krenac ou para os animais. Com a voz trêmula, Heitor perguntou:

— E o que fez? Por que você não parece ter marcas de mordida de leão...

— Minha fé era muito maior que qualquer outra coisa. Fechei os olhos e rezei pedindo proteção. Logo apareceram uns anjos e acalmaram aquele bando de leões. Ficaram uns cordeirinhos. Ao amanhecer, o rei apareceu na boca da gruta, cheio de sentimentos de culpa, torcendo para que o Deus em que eu acreditava tivesse me poupado da morte.

Que surpresa! Eu estava vivo e os leões quietos e meio sonolentos. A partir deste fato, o rei entendeu a seriedade da minha crença e liberou as orações para todos os habitantes do seu reino.

— Que história! Assim vou achar que podemos tocar nos leões. Tem dezenas de anjos nesta igreja. Além do mais, Krenac é nosso seguro de vida – disse Heitor, jogando verde.

— Imagino que possam acalmá-los – disse o profeta.

Com o consentimento de Daniel, o trio se aproxima e toca delicadamente nos leões pela primeira vez na vida. Emocionante demais! Vendo a cena, o profeta advertiu:

— Não vão se aproximar deles em zoológicos. Pode ser muito perigoso e eu não estarei lá.

— Nem os anjos, Krenac – sorriu Lara, logo emendando – Sr. profeta, foi muito gentil e agradecemos que tenha compartilhado sua vida conosco. Agora vamos tentar falar com Eliseu. Ele é cheio de milagres, e a gente, cheio de curiosidade.

Eliseu se encontrava quietinho, com dois pássaros aos pés, nos altos do transepto, leste, à direita. Isso intrigava os dois adolescentes, porque pensavam que esta história de pássaros era uma exclusividade do santinho de Assis. Pararam o voo defronte do profeta, que parecia mais dorminhoco que os outros. Não respondia. Estaria desmaiado? São Lucas, o evangelista médico não estava naquela igreja. O que fazer? Os três se entreolharam e Heitor logo sugeriu um pouco de sal para ajudar.

De pronto, voou atrás do sal que era utilizado nos batizados. Encontrou um pacotinho na sacristia e voou de volta para encontrar os amigos. As energias do Krenac com o sal surtiram efeito imediato. Eliseu deu um salto e falou com voz fraca e sonolenta. Os pássaros, por sua vez, começaram a cantar. Foi um começo um tanto turbulento.

— Estava num sono tão bom. Por que me chamaram? Cantem baixo, meus caros pássaros. Assim não ouço as visitas – completou baixando a cabeça.

Fazendo a apresentação de praxe, os três iniciaram o diálogo:

— Estamos conhecendo melhor a catedral e pensamos em ouvir alguns moradores que possam nos contar boas experiências de suas vidas.

— Ah bom! Eu tenho umas boas histórias, a maioria envolvendo boas comilanças... Uma vez em Jericó, no ano 800 antes de Cristo, passando lá com um grupo de seguidores, soubemos que a água estava contaminada e as terras, estéreis, não produziam mais nada. Pedi um prato, coloquei sal e lancei nas águas pedindo ao Senhor que “sarasse as águas e que não houvesse mais morte nem esterilidade”. E fantástico, creiam, tudo voltou ao normal.

Lara se desculpou por interromper e disse:

— Puxa senhor profeta, com tanta poluição na Terra, não dava pra dar uma força pra gente?

— Eu não estou mais por aqui no planeta. Esta conversa é uma coisa totalmente extraordinária. Quando muito, podem pedir nossa colaboração por orações e pensarei como ajudar a distância. Outra vez, em Gidal, havia muita gente com fome. Falei para os filhos dos profetas recolherem ervas e fazerem um caldo. Inadvertidamente, entre vários comestíveis daquela região, colheram uma planta venenosa. Enquanto iniciavam a refeição, perceberam o erro. Alguém gritou que havia morte na panela e pararam de comer. Misturei farinha e todos puderam se alimentar sem problemas.

Heitor comentou:

— Isto não significa que possamos colocar farinha em qualquer comida estragada ou envenenada e ela irá neutralizar a sua ação, certo?

— Não, meu filho. São antigos eventos que aconteciam em momentos muito diferentes da história dos homens na Terra. Não vão repetir essas experiências. Além de correrem graves riscos, poderão me levar daqui para as terríveis penitenciárias do seu país.

— Não se preocupe, profeta, esses adolescentes são informados e inteligentes. Não vão fazer bobagens nem deixá-lo em maus lençóis.

— Que bom, pois também sei lidar com crianças malcriadas. Uma vez eu estava indo para Betel e cruzei com um bando de crianças que em coro e, insistentemente, zomba-

vam de mim. Sobe calvo, sobe calvo, sobe calvo... Amaldiçoei aquela turma e, não mais que de repente, saíram da mata dois animais selvagens e devoraram 42 deles.

Heitor, muito espantado, saiu-se com esta:

— Muita violência, sr. profeta.

— Meu filho, não fui eu que chamei as feras. Elas apareceram porque estavam sendo más comigo, me faltando totalmente com o respeito. O mal chama o mal também. Mas, para melhorar a minha imagem vou contar um fato bem simpático. Naquela época, havia uma compaixão especial pelos órfãos e viúvas. Uma delas estava à espera dos cobradores que iam levar seus dois filhos como escravos, porque não tinha como pagar. Muito aflita, apelou por minha ajuda. Perguntei-lhe o que tinha em casa. Mostrou-me tão somente um resto de azeite. Naquela época, o

óleo servia para comer, cozinhar e iluminar os espaços. Sugeri que pedisse emprestadas todas as vasilhas possíveis da vizinhança. Mandei enchê-las todas. Ela foi derramando o pouco azeite em todas as que conseguiu pegar. Era azeite que não acabava mais. E assim pagou suas dívidas e sobrou muito para o sustento de sua família.

— Esta sim, profeta Eliseu, gostei – exclamou o menino.

— Que ótimo, foi um prazer.

— Obrigada por tudo, senhor profeta.

Os três amigos voaram um pouco pela igreja e sentaram para descansar. Nenhum deles percebera as horas passando. Olharam em volta e notaram que havia de fato muitos, muitíssimos anjos por ali. Predominavam nas três grandes rosáceas. Na da frente, com o Cristo glorioso no meio, na do transepto di-

reito, com a virgem gloriosa no meio e na dos símbolos da eucaristia no centro, no transepto esquerdo. Todos eles eram amarelos, em tons bem fortes e portavam grandes asas, abertas ou fechadas. Plantados naqueles desenhos circulares, davam a impressão que estavam voando com os três protagonistas citados. Entreolharam-se e perceberam que estavam pensando a mesma coisa. Acordados daquela semivisão subiram e se depararam com os vitrais de Adão e Eva, um ao lado do outro.

— Podemos chamar os dois ao mesmo tempo? – falou Lara, bem ligeirinho.

— Farei um esforço maior. Vamos conseguir sim.

Desta vez Krenac apertou os olhos por mais tempo e... Eva acordou primeiro. Adão, logo em seguida. Ao invés de olharem para os três, trocaram algumas palavras, olhando um para o outro.

— Adão, você ainda come maçã? Não vê a confusão que tem dado por todos esses séculos?

— Claro, minha cara metade, você não me dá outra coisa.

— Puxa, Adão, com tantos movimentos feministas você ainda não sabe se virar sozinho?

Só então o casal se deu conta dos três observadores.

— Bom dia, Eva e Adão, nossos primeiros pais - disse Lara, totalmente encantada.

— Bom dia, que fazem aqui? Estávamos dormindo? Ou foi um castigo pela tal maçã?

— É melhor a gente sair de fininho e voltar com um psicanalista pra esses dois – sugeriu Lara, num sussurro, ao que Krenac interpelou:

— Não é nada disso, distinto casal. Estamos conversando com alguns personagens interessantes daqui da Catedral e não pode-

ríamos deixar de falar com vocês, que para muitos são considerados o primeiro casal do planeta. Que tal nos contarem a sua versão?

— Vejam só, caros descendentes, fora você, criatura estranha. Aqui estão nestes quadros a serpente enrolada na árvore junto da Eva e eu com a bendita maçã e um veado, o que pode até indicar outro integrante deste paraíso onde vivíamos. Vocês acham que com tanta insistência nesta história há alguma possibilidade de nós termos nos libertado dela? Tornou-se verdade pela insistência e antiguidade. Lamentamos. Só um adendo. De fato o paraíso era um lugar inacreditável. Tudo perfeitamente lindo, limpo, funcionando muito bem, muita saúde, belíssima vegetação, lagos, rios, flores e frutas em abundância. E, sobretudo muito amor e solidariedade ente os seres vivos, todos. Que saudade!

— Adão e Eva, ficamos felizes e tristes com seu papo. Estamos muito longe deste seu paraíso.

— Mas cuidado para não falarem com o nosso vizinho Noé. Se ele resolve colocar-nos todos naquele barco que tem nas mãos, vai ser um caos. Não vai caber todo mundo.

Diante do aviso, os três passaram correndo por Noé e avistaram, ao longe, um belíssimo adolescente, meio luminoso que passava no altar da Virgem Maria. Correram na sua direção.

Lara tomou um susto e arriscou:

— É o Jesus Cristo adolescente da cripta. Aquele vestido com um manto branco, com galão e cruzeiros dourados e uma coroa na cabeça. Só não tem os braços abertos. Devia estar cansado da posição e decidiu mudar um pouco. Será que fala com a gente?

Os três, estupefatos, aproximaram-se. Ele tinha de fato uma luz diferente. Muito brilhante. O olhar era profundo, parecia enxergar por fora e por dentro das pessoas.



Foi Heitor que tomou a iniciativa:

— Boa tarde, você é mesmo o Jesus Cristo adolescente da cripta?

— Sim, eu mesmo. Que bom conversar com gente quase da minha idade. Estou aqui desde os anos sessenta. O bispo Dom Lustosa, muito preocupado com a juventude transviada, como chamavam então, me convidou para ficar ali de braços abertos para acolher todos, sobretudo os jovens. E muito bem acompanhado. Os santos jovens Pancrácio, Domingos e Tarcísio, do lado direito, Maria Goretti, Inês e Luzia, do lado esquerdo. Sai um pouco para ver meu pai, José, logo ali, muito bem acompanhado dos arcanjos e Gabriel, Rafael e Miguel nos vitrais acima. O último pisa um diabinho muito feio. E minha mãe que está acompanhada de três das aparições de Nossa Senhora, como Fátima, por exemplo.

— Estamos muito impressionados com sua presença aqui. Nem sabemos o que dizer.

— Mas eu gostaria de levar vocês, lá atrás do altar-mor, para mostrar umas cenas da minha vida aqui na Terra.

Os quatro se dirigiram para a parte de trás do deambulatório e Cristo Adolescente foi mostrando:

— Vejam, ali, meu nascimento, depois eu entre os doutores da lei. Mais pra lá, a parte mais difícil da minha estada por aqui, no monte das Oliveiras, na flagelação, na coroação de espinhos, na cruz, já sem vida na beira do túmulo, na ressurreição e na subida aos céus.

Os três estavam muito emocionados de lembrar a vida de Cristo, ouvindo a sua própria voz. Tantas vezes leram e ouviram sobre tudo o que Cristo passou na Terra. Estar perto dele era comovente.

— Tem ainda vitrais de sua vida em outros lugares?

— Sim, gosto muito daqueles do transepto direito, os que mostram fatos alegres da minha vida por aqui. Nas três rosáceas pequenas, a última ceia, a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e o batizado no rio Jordão, este realizado por João Batista, meu primo. Mas o que eu gosto mais é o da fuga para o Egito, em cima daquele jumentinho.

— Jesus, aqui os jumentinhos eram muito importantes para a economia. Ajudavam em tudo. Hoje estão meio abandonados, os pobrezinhos – disse Lara.

— Pois é, filhos, não ando muito feliz com o que vejo acontecendo pela Terra. Minha mensagem de paz e amor muitas vezes tem encontrado ouvidos surdos. Para todos os seres criados. Pouco amor e solidariedade,

muita intolerância. De todo modo, há sempre pessoas de boa vontade em todos os lugares e esperamos que elas mudem o panorama. Vocês, jovens, poderão colaborar muito para mudar o rumo das coisas.

— É mesmo, tem razão, Jesus, somos jovens, mas temos receio do que nos aguarda, de não sermos capazes de mudar nada – Lara falou.

— Tenham fé. Mesmo as crises que atravessamos podem nos fazer mais preparados para o futuro. Abençoo vocês e sugiro que leiam os trechos sugeridos por João, Mateus e Lucas na parte alta do altar-mor. Sobretudo o que fala da Samaritana. Quero também citar que há várias mulheres notáveis, no alto, no transepto esquerdo. Em especial cito a Santa Suzana, do século IV, nascida na Palestina que ficou órfã muito cedo. Foi criada por um

sacerdote e resolveu entrar para um mosteiro. Era difícil conventos para mulheres naquele tempo. Deu todos os seus bens aos necessitados e se vestiu de homem para conseguir seu objetivo. Acabou saindo por intrigas e foi para a Grécia. Não negou sua fé, foi perseguida, presa e acabou morrendo. Eu sempre tive uma feição especial por elas, como é citado no novo testamento, em vários trechos.

— Senhor Jesus, estes vitrais têm pessoas com cada história. Como foi brava a Suzana! Obrigada por tanta atenção com a gente.

— Foi uma grande satisfação. Voltem quando quiserem. Vou ver meu pai.

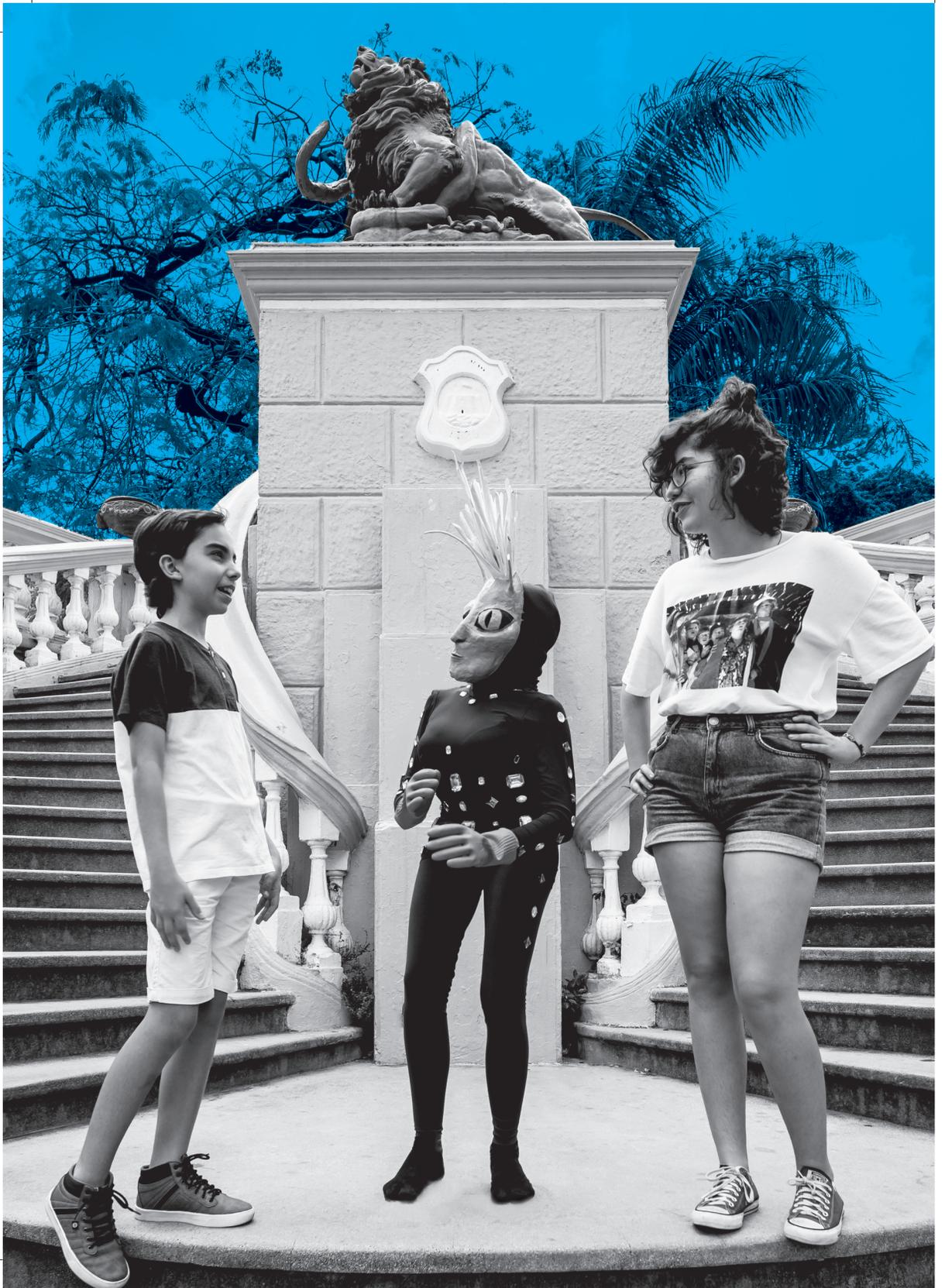
E desapareceu como por encanto. Os três visitantes, meio aturdidos voaram baixinho em direção à entrada. De repente, ouviu-se comícios, cavalos trotando, buzinas, xingamentos. Krenac, que podia ver pelas paredes, disse que

uma quantidade enorme de gente se aproximava dali. Pelo número absurdo de policiais que havia defronte da sede da Prefeitura, devia ser um protesto contra autoridades municipais. Naquele momento os três iam passando em frente ao vitral de São Pedro com sua grande chave. Discretamente, Krenac chamou São Pedro para falar com eles.

São Pedro não estava de bom humor. Mostrou as chaves e disse:

— Não estão ouvindo? Uma grande manifestação vai chegar aqui atrás. Vai acabar sobrando para nós. Desculpem. Vão saindo. Voltem outro dia. Vou usar esta chave meio enferrujada, mas fecha assim mesmo. Até outro dia.

Os três saíram rapidamente, invisíveis enquanto no raio de influência do E.T.



## CAPÍTULO 10

# **UM CHAMADO INESPERADO – DEU TILT NO PAINEL CENTRAL DE COMUNICAÇÕES TECNOLÓGICAS**

Dona Ana Maria continuava desconfiada do interesse, repentinamente, exagerado dos filhos pela cidade e, vez por outra, perguntava sobre o assunto. Eles respondiam que a escola andava solicitando mais sobre Fortaleza, porque a cidade estava cheia de carências. Outras vezes, eles retrucavam se ela ainda não havia percebido que eles sempre pesquisavam sobre seus trabalhos porque gostavam. Certo dia, o pai havia consultado até os avós sobre o assunto, mas os dois desviaram a conversa, dando respostas evasivas: que se tratava apenas de curiosidade de criança, que eram coisas da

idade, ou até o interesse habitual pela cidade, cultivado inclusive por eles. E assim o tempo ia passando e somente os avós acompanhavam aquelas emocionantes visitas de perto...

O final de semana passou voando. Lara e Heitor dedicaram horas pesquisando na biblioteca do vovô Olavo, procurando dados sobre o ponto da próxima parada, a Praça dos Leões. Heitor já podia imaginar os leões ganhando vida, enquanto Lara pensava nos edifícios e acontecimentos interessantes do local. Mal podiam esperar pelo encontro com o amigo. Se na biblioteca tinha espaço para os dois, o mesmo não se podia dizer da cadeira do computador da mãe, que foi objeto de acirrada disputa. Além do Google, os arquivos de dona Ana e senhor Ricardo guardavam verdadeiros tesouros. Naturalmente, parte da discussão dizia respeito a quem falaria o quê.

— Lara, você tá insuportável dando uma de professora em todos os cantos que vamos.

Parece até que eu não sei de nada! – falou Heitor, franzindo a testa.

— Deixa de ser implicante, menino! Eu praticamente só completo algumas informações. Além do mais, cada um fala dos temas que tem mais afinidade, né não?

— Sei... Então pare de olhar as histórias do general Tibúrcio, essa é a parte de história e você sabe que é minha matéria favorita na escola, portanto quem vai falar dele sou eu! – disse o garoto, de forma tão assertiva e séria, que não teve como a irmã não rir.

— Ok, maninho, não precisa perder seu sono. É que tem momentos em que as coisas se misturam, mas prometo que vou prestar atenção para não invadir seu espaço, tudo bem? – respondeu Lara, voltando a ler seu material de pesquisa.

Por volta de nove e meia da noite, quando o cansaço já vencia Lara e Heitor, eles beijaram os pais, desejaram boa noite e foram dormir. O dia seguinte ia ser bem especial. Krenac não imaginava nem de longe com quem iria conversar ou o que iria ver.

Estranhamente, apesar do sono, nenhum dos dois conseguia dormir. Algo diferente os inquietava, não era só a familiar ansiedade. Heitor estava particularmente rabugento e agitado. Lara, sem aparente motivo, sentia uma leve melancolia, olhava constantemente pela janela, sem conseguir se concentrar na leitura de seu livro de cabeceira. Resolveu chamar Heitor para dormir no quarto com ela e ficou feliz de ele aceitar, situação bastante excepcional. Leite quente, contagem de carneirinho, tentaram tudo, mas não conseguiam dormir de jeito nenhum. Ambos viravam-se para os dois lados. Justamente eles,

dois dorminhocos de primeira, que pegavam no sono sob qualquer pretexto. Já passava da meia-noite e a cama e a rede continuavam ocupadas por dois pares de olhinhos vivos e bem arregalados.

Eis que um vento forte e frio começou a soprar insistentemente, com direito a asso-bios dignos de filme de terror. Os galhos das árvores balançavam fortemente, algumas folhas caíram. Apesar da fraca iluminação da rua, eles tiveram a impressão de que havia passado um vulto na janela. Assustado, Heitor chamou Lara.

— Mana, mana, tá acordada? Você viu um vulto passando na janela? – perguntou Heitor com tom de urgência e uma voz trêmula.

— Claro, deve ser a sombra do Peter Pan, inclusive ele vai já entrar aí, com a Sininho logo atrás... Ai Heitor, você deve ter sonhado

com o filme – mal terminou de falar a ironia, Lara ouviu um ruído, foi até a janela, mas não notou nada de diferente.

— Tá vendo, não tem nada. Você que tá imaginando coisas e me deixando confusa. E mais este vento assobiando, assim não consigo mesmo dormir – reclamou a menina.

— E desde quando o vento impede você de dormir? E pro seu governo o vulto não tinha nada a ver com o Peter Pan, na verdade eu poderia jurar que tinha o tamanho do Krenac.

— Será que aconteceu alguma coisa? Tô com uma sensação estranha desde mais cedo, não sei explicar bem – o semblante pensativo indicava que algo de fato preocupava a Lara.

De repente, um clarão tomou conta do quarto e eis que o vulto misterioso se revelou!

— Boa noite Lara, Heitor... Desculpe a invasão a esta hora, mas preciso partir imediatamente e não poderia ir sem falar com vocês – anunciou Krenac, que acabara de atravessar a parede do quarto da jovem.

Era difícil dizer quem estava mais surpreso dos dois. Os irmãos pularam da cama e da rede num susto e cheios de perguntas e argumentos para dissuadir Krenac dessa ideia estúpida de ir embora.

— Eu tô sonhando, eu tô sonhando, isso não está acontecendo – repetia Heitor num mantra de negação da notícia bombástica.

Lara, com um senso mais prático, virou-se para Krenac, ainda digerindo a informação e, apesar do olhar triste, conseguiu encarar o amigo e perguntar:

— Mas o que houve? Vocês desistiram

de continuar a expedição? A gente tem tanta coisa pra mostrar ainda!

— Antes de tudo, calma. Deixem-me explicar. Na verdade trata-se de uma conjunção de fatores. Como vocês sabem, meus colegas estão trabalhando em uma base interplanetária estacionada nas imediações da Terra, onde eu também passo muitas horas. Lá recebem mensagens de operações e ocorrências tanto de Cygnus quanto de outras bases operacionais em missões por muitas galáxias. No final da tarde, foi emitida uma ordem para que eu interrompesse a missão aqui em Fortaleza para resolver um problema em Cygnus.

— E você vai atender? – interrompeu Heitor, com uma carinha de dar pena - vai interromper a expedição aqui? E a nossa estação interplanetária, como fica? – completou o garoto com os olhos lacrimejando.

— Vocês não precisam ficar chateados. É só uma urgência. Ocorre que tenho conhecimento em várias áreas, mas um talento especial para consertar problemas no Painel Central de Comunicações Tecnológicas de longo alcance instalado em Cygnus. Ele guarda informações de todas as nossas missões, consequências, êxitos, acompanhamentos, etc. Algumas interrupções temporárias, sem causa aparente, estão prejudicando os contatos com os dispositivos de outras estações, atualmente localizadas em Corona Australis e Corona Borealis. Como ainda não descobriram a causa, para evitar danos maiores, irei resolver esse problema de conexão.

— Isto deve ser muito longe. Você vai levar anos-luz para voltar e, se isso acontecer, a gente provavelmente nem vai mais estar aqui... – falou Heitor, torcendo para a chantagem emocional surtir efeito.

— Heitor, anos-luz é medida de distância, não de tempo – retrucou Lara, sem conseguir esconder o tom de tristeza com a despedida – Krenac, mas quando você volta? Quer dizer... você volta, certo?

— Então, esse é o segundo motivo da minha partida. Preciso reportar aos meus superiores o relatório de nossa expedição, uma espécie de avaliação preliminar. Se as pesquisas continuarem, serei autorizado a retornar. Do contrário... bem, é algo que não depende inteiramente de mim. O que posso prometer é que farei o possível para dar prosseguimento à coleta de dados aqui, apesar dos problemas que vi, creio que seja uma cidade promissora para nosso intuito.

— E você vai demorar a saber quando terá essa resposta?

— Suponho que não. Tenho a intenção de concluir nossa missão. Inclusive, para agilizar tudo, dois colegas já se adiantaram e foram fazer as inspeções locais nas constelações de Australis e Borealis, verificando que estava tudo perfeito. Não podemos perder tempo. O caso é que estou mais perto de Cygnus para cuidar das coisas por lá e de fato tenho que apresentar os resultados preliminares da exploração aqui.

— E vai quando?

— Cinco da manhã. Por isso vim falar com vocês – respondeu um Krenac saudoso.

— Não, não, não. Se a gente não sabe quanto tempo vai levar pra se ver de novo você tem que pelo menos ir tomar café com a gente na casa do vovô, por favor, por favor – implorou Heitor com um fiozinho de voz.

Afeiçoado ao menino e comovido com seu apelo, Krenac ponderou:

— Façamos o seguinte. Vou me comunicar, telepaticamente, com meus colegas da base operacional móvel para saber até que horas as condições do tempo estarão adequadas para que a viagem transcorra em segurança.

— Então o tempo determinará um café bem legal, é isso?

— Isso mesmo, Heitor.

— Quando você for falar com seus chefes, tenha em mente que ainda temos um percurso extenso a cumprir. Vamos apresentar as sedes dos governos, o bode Ioiô, o Cineteatro São Luís, a Praça do Ferreira e tantos outros lugares bacanas – argumentou Lara, quase conformada.

— Bem, aguardem um pouco, vou me concentrar e obterei resposta em breve.



Os três ficaram em silêncio por um tempo até que Krenac fez um sinal de positivo com o polegar. Piscou o olho com suas pálpebras enormes, disse até mais tarde na casa dos avós, às sete, e sumiu num raio de luz, pela janela.

Mesmo passado um tempo os irmãos dormiram. Estavam um tanto aliviados pelo tempo que ganharam, ainda tomariam café juntos. Maravilha. E o melhor, ele poderia voltar.

Na manhã seguinte, deixaram um bilhete na porta dos pais e correram para o café com os avós. Eles acordavam cedo. Dona Alme-rinda já estava no quintal colhendo as frutas maduras.

Às sete em ponto, Krenac baixa num voo suave na varanda da casa do Sr. Olavo. Não vendo ninguém por ali, dirigiu-se ao quintal, encontrando vovó fazendo o que mais gostava. Ela cumprimentou o visitante e logo lhe mos-

trou as lindas frutas que apanhara e colocara no cesto.

— Bom dia, dona Almerinda. Lindas, cheirosas e certamente saborosas – diz Krenac.

— Vamos já comprovar – respondeu a vovó, com uma piscadela.

Em seguida, apareceu vovô, já com as notícias passadas pelos dois netos. Todos foram para a cozinha e prepararam rapidamente o café para aproveitar melhor o tempinho com o E.T.

Estava tudo delicioso; frutas, sucos, queijos, pães, etc. A torta de limão, então, estava dos deuses. Krenac repetiu três vezes. Explicou, detalhadamente, a toda a família, porque se afastaria, prometendo que seria por pouco tempo. Agradeceu a todos, especialmente aos dois jovens guias, tão especiais para o trabalho que estava realizando.

Na hora combinada, a família sentiu uma forte energia por todo o ambiente. Havia muitas nuvens, mas dava para vislumbrar um ponto luminoso, girando rapidamente ao longe. Krenac apontou dizendo:

— Meu transporte chegou, o dever me chama. Devo ir ao meu planeta, Kepler-452b, integrante da constelação Cygnus. Vocês se surpreenderiam com as semelhanças dele com a Terra. Sabiam que a NASA o descobriu há pouco tempo? Chamou-o de planeta primo do de vocês. Por enquanto não sabem que tem vida lá, só consideram viável. Esse é um segredinho nosso, ok? Agora tenho que percorrer 1400 anos-luz. Adorei conhecer vocês, todos!

Krenac apertou a mão dos avós, deu um abraço carinhoso em Lara e Heitor, que relutou em soltá-lo.

— Estamos esperando que você volte logo, viu?! – reiterou Heitor abraçado a Lara e aos avós, enquanto Krenac partia, num voo rápido em direção ao ponto de luz.



## Célia Perdigão

Sou Célia Maria Perdigão Coutinho, arquiteta, natural de Fortaleza-CE, onde resido.

Especializada em História e Conservação de Monumentos Antigos, sonho em despertar a curiosidade e o interesse de crianças e jovens para descobrir esse mundo. Conhecer o que construímos nos leva também ao encontro de nós mesmos. “A criação é um meio melhor de autoexpressão do que a posse; é através do criar, e não do ter, que a vida se revela” (Vida Dutton Scudder).



## Beto Skeff

Quando vi o mundo, pela primeira vez, era Sertão. Um lugar tão bonito e tão imenso, bem no meio do Ceará. Uma vida que mudava de cor: alaranjava, enverdecia e me ensinava sobre o tempo. Queria contar do que via, mas nunca me senti tão à vontade entre as palavras, comecei a fotografar. Estudei Design na faculdade, me especializei em Marketing, com o desejo de aliar esses conhecimentos aos do campo da imagem. Cada dia, reaprendo o prazer de contar histórias, de falar da vida em imagens, uma conversa em camadas, das superficialidades às intimidades do mundo.